This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 160 339

YC153298

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

RECREAÇÕES POETICAS

POR

FRANCISCO DE CASTRO FREIRE

EDITOR

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

1861

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Preço 400 réis.

Sa[illegible] 90,00
1/2 [illegible] 15000

RECREAÇÕES POETICAS

Offerecido
Pelo Ex.mo Commendador
Olympio Ruy Fernandes
A minha Mulher
Maria da Conceição Moraes e Sá
Coimbra 29 de Setembro de 1878

João de Deus e Silva

RECREAÇÕES POETICAS

POR

FRANCISCO DE CASTRO FREIRE

On ne doit donner à ces oeuvres de complaisance de l'imagination que les heures laissées libres par les devoirs de la famille, de la patrie et du temps; se sont les voluptés de la pensée; il ne faut pas en faire le pain quotidien d'une vie de l'homme.

LAMARTINE

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1861

LOAN STACK

PQ 9261
C46 R4

DO EDITOR

As poesias que, debaixo do titulo de RECREAÇÕES POETICAS, sáem agora pela primeira vez, collegidas 'nesta edição, já tinham sido publicadas anteriormente e alcançado bom acolhimento do publico; mas achavam-se dispersas por varios periodicos litterarios, e em grande parte no *Instituto*. Aquelle acolhimento, e a deferencia que temos pelo illustre poeta, suggeriu-nos o desejo de reunir em um livro os seus apreciaveis escriptos; e o voto, e as instancias mesmo, de pessoas competentes, demoveu-nos a levar á execução o nosso intento. O auctor deu-nos a sua permissão, e prestou-se a revêl-as e retocal-as, aprimorando-as, por este modo, ainda mais.

Entendemos pois que o livro, que vamos dar á estampa, irá de certo occupar um logar distincto entre os de egual genero, e que com esta nova publicação fazemos um serviço que será agradavel aos amadores da litteratura patria.

Coimbra, 4 de Abril de 1861.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

INDICE

DAS RECREAÇÕES POETICAS

PRIMEIRA PARTE

(Poesias Originaes e versões varias.)

I	A Luiz de Camões	1
II	Paraphrase	2
III	Gessner	3
IV	O Parocho d'aldeia	6
V	A um poeta brasileiro	8
VI	No album do ex.mo sr. A. P. F	10
VII	A um poeta que se despedia para Roma	12
VIII	A fonte do castanheiro	14
IX	A última esperança	17
X	A boa nova	20
XI	A bordo do vapor Vesuvio	22
XII	Nos annos de ***	25
XIII	O Trovador	26
XIV	A lyra	36
XV	O Cemiterio d'aldeia	39
XVI	A campa e a roza	47
XVII	O Alcyão no cabo ***	48
XVIII	Uma voz do céo	51
XIX	Invocação à esperança	57

SEGUNDA PARTE

(Versões de poesias de Mr. de Lamartine.)

I A soledade (1.ª Meditação poetica) 59
II A Elvira (2.ª Med. poet.) 63
III A Noite (4.ª Med. poet.) 66
IV A Immortalidade (5.ª Med. poet.) 69
V O Valle (6.ª Med. poet.) 76
VI O Lago (13.ª Med. poet.) 79
VII A Gloria (14.ª Med. poet.) 82
VIII A Oração (15.ª Med. poet.) 85
IX Invocação (19.ª Med. poet.) 90
X O Christão moribundo (27.ª Med. poet.). 93
XI O Outomno (29.ª Med. poet.) 94
XII Bonaparte (33.ª Med. poet.) 96
XIII As Estrellas (34.ª Med. poet.) 104
XIV O Ramo de amendoeira (40.ª Med. poet.) 110
XV Elegia (42.ª Med. poet.) 112
XVI O Poeta moribundo (43.ª Med. poet.) . . . 114
XVII Uma noite em Roma (fragmento da 49.ª Med. poet.) 121
XVIII Os Preludios (46.ª Med. poet.) 125
XIX O Crucifixo (51.ª Med. poet.) 140
XX Canto d'amor (54.ª Med. poet.) 145
XXI Hymno do menino ao despertar (Liv. 1.º — 7.ª Harm. poet.) 157
XXII Pensamentos sôbre os mortos (Liv. 2.º — 1.ª Harm. poet.) 161
XXIII A tristeza (Liv. 4.º — 5.ª Harm. poet.) . 172
XXIV Amizade de mulher (10.º Rec. poet.) . . . 173

PRIMEIRA PARTE

A LUIZ DE CAMÕES

Tu, que do Povo heroe, do Lusitano,
Altas acções cantaste sonoroso;
D'Ignez o caso triste e lacrimoso,
Dom Pedro vingativo, e o Pae tyranno:

Tu, que as iras crueis do grão Thebano,
E o Adamastor cantaste pavoroso;
De Venus linda o reino deleitoso,
E aos Nautas do porvir rasgado o arcano:

Tu, que no extremo arranco amargurado,
Da patria, patria ingrata, gemebundo,
Carpiste a sujeição, choraste o fado:

Camões, grande Camões, genio profundo,
Nobre cantor do Gama sublimado,
És de Lysia o brazão, pasmo do mundo.

PARAPHRASE

Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae.
HORAT. Od. III, 3.

O constante varão, que ousado e forte,
Da difficil virtude piza a estrada,
Não sente a rija temp'ra sossobrada
Ante os golpes crueis da negra sorte:

Não teme equuleos vís, não teme a morte,
Se a consciencia percebe socegada;
Do patibulo a rir lá sobe a escada,
E impavido recebe o extremo córte;

Veja embora surgir furias do averno,
Veja os céos desabar quebrando a terra,
Atros vulcões rasgar-lhe o seio interno;

Veja tudo a ferver em dura guerra;
Alenta dentro em si valor superno:
Ao mortal virtuoso nada aterra!

GESSNER

Tu, que em estro divino arrebatado,
D'ameno parreiral á grata sombra,
Ou juncto ás faias, que nas margens crescem
Dos placidos ribeiros, modulavas
Sonorosas canções ao som da flauta,
Á virtude, ao amor, e aos doces gosos,
Que gera a paz dos campos dentro d'alma
Quando nos campos a innocencia mora:
Gessner, cantor suave, eu li teus versos,
E os teus risonhos versos me incantaram,
Como os hymnos das aves, como as flores,
Como os prados viçosos, como as auras,
Quando raia a manhã de um céo de rosas
Na mimosa estação da primavera.

Rispidos sons na tuba aterradora
Nunca os soube inspirar a tua musa;
Os flagellos de Deus, heroes chamados,
Que devastam nações, intornam crimes,
Folgam c'os sons dos ais, co'as guerras duras,
Ella os detesta, não lhes queima incensos;

D'altos palacios foge, aos campos vôa,
A virgem natureza alli procura,
Os gestos e as feições busca pintar-lhe;
Do rustico a cabana é seu palacio;
É o homem virtuoso o seu heróe;
Ama as leivas viçosas, ama os bosques;
Alli te ornou a frente d'alvas rosas,
Por premio alli te deu sonora flauta,
E te inspirou alli tão doces carmes.

Falta-me o estro teu; não tive em premio
A flauta, como a tua, tão sonora;
Mas da delgada aveia eu juro, ó Gessner,
Teus cantos insaiar nas frouxas vozes:
Teus vôos seguirei de longe embora!
Seguir teus vôos só de longe eu posso,
Qual aguia implume, atraz da mãe ligeira.
Eu folgo, como tu, co'a natureza,
Amo os campos viçosos, amo os bosques,
As rusticas choupanas me são gratas,
Apraz-me a sua paz, préso a virtude.

Gessner, cantor suave, um monumento
De amor e gratidão quero sagrar-te:
'Num horto pequenino que é regado
Pela corrente, que de um tanque flue,
Pequena laranjeira, ha pouco, eu mesmo
Co'as proprias mãos plantei; e tão propicio,
Tem-lhe sido tão grato este terreno,

Que a cada instante a vejo alçar-se aos ares,
O seu tronco ingrossar, crescer-lhe a rama;
D'ella bem perto um banco de verdura,
Que cercam rubras rosas, mil violetas,
Ha-de em breve gozar-lhe a amiga sombra.
Aqui pois, 'nesta laranjeira, ó Gessner,
Teu nome hei de intalhar, hei de sagrar-t'a;
Da tua arvore á sombra hei de os teus versos
Meditar no retiro, hei de estudal-os.
Comigo a terna Marcia algumas vezes
Hei de alli conduzir; alli sentados,
Os teus versos a Dafne, imagem d'ella,
Havemos ambos lêr; e um meigo riso
Ligeiro ha de acudir-lhe á face linda,
Ternamente ha de em mim fitar os olhos,
Quando eu a comparar á bella Dafne,
Jurar-lhe o mesmo amor, os mesmos fogos,
Nas canções que alli mesmo me inspirarem
Os teus propicios manes invocados.

O PAROCHO D'ALDEIA

(Traduzido verso por verso de Dellile,
L'homme des champs)

Vês esta habitação modesta e pia?
É do homem de Deus, que aos céos offerta
Do povo reunido humildes preces,
E do céo sôbre a aldêa os dons esparge;
Consola os tristes; o hymeneu consagra;
Benze a seara em viço e benze os fructos;
Ensina o bem;—no berço acolhe o homem,
É na vida o seu guia, e á campa o segue.
De um mistér tão sublime que se arrede
Quem só d'intrigas, só d'enredos cura;
Quem tudo a si releva, e nada ao proximo;
Quem deixa por vil lucro um templo pobre;
Quem nos modos avilta o logar sancto,
E na moral do sec'lo a sua molda.

Fiel á egreja, charo a seu rebanho,
Simelha o bom pastor o freixo idoso,
Que, das festas d'aldêa testimunha,
Cem annos lhe prestou amiga sombra;

Que, do tempo a pezar, sempre viçoso,
Tem visto os paes morrer, nascer os filhos;
Em seus conselhos sabio, bom, prudente,
E como a Providencia, acode a todos;
Pae dos pobres um só não se lhe esconde;
As esmolas que faz, só Deus as sabe;
Ás chossas da miseria, onde a desgraça
Reune a dôr, e a fome, e a morte ás vezes,
Lá corre; — seu horror perde a doença,
Seus terrores a morte, e a fome o apêrto;
Previne o crime, prevenindo as faltas;
O pobre o abençôa, o rico o estima,
E ás vezes inimigos rancorosos
Sentam-se á sua meza, e lá se abraçam.

Seus trabalhos honrae; a velha casa
Tornae-lh'a mais decente, mas sem luxo;
Por dentro de virtudes adornada,
Apresente por fóra um ár de aceio;
Se a pobresa degrada, o fausto indigna.
Com elle reparti vossas colheitas,
Enfeitae-lhe o altar, ornae-lhe o templo;
No caminho do bem seguí seus passos.
Que espectaculo, ó Deus, o de uma aldêa,
Que um padre sanctifica, um sabio illustra!!!
Não; Roma, subjugando o mundo inteiro,
Não val a aldêa, onde a virtude mora,
Onde as orações d'um, d'outro as riquezas,
Mil bens e a meiga espr'ança alli disparzem.

A UM POETA BRASILEIRO

Ah! qu'au moins tu puisses te dire:
Ces chants qui m'ont ému, c'est moi qui les inspire,
Et sa muse est mon souvenir!

LAMARTINE.

Qual novo cysne, que por nossos climas
Na flórida estação os ares corta,
E um gorgeio sonoroso,
Da natureza aos hymnos afinado,
Na mui veloz carreira vai trinando,
E nos deixa uma saudade
'Nesse echo de harmonia, que revela
Da musica celeste algumas notas;
Assim passas e nos deixas,
Tu, filho do Brasil, cantor suave.

Assim vais, e nos deixas! Mas volvendo
Ao ninho teu paterno, oh! não te esqueça,
Terra de teus avós, onde encontraste
Amigos, que olvidar-te nunca podem,
Peitos, como d'irmãos, onde perenne
Mui grata viverá tua memoria.

E essa lyra, que feres tão sonora,
Não a desdenhes, nem ao ocio a entregues;
Desprendidas do mundo alguns momentos,
Almas, no céo temp'radas de harmonia,
Para o céo em hymnos vôem.

Oh! não te peze o nome de poeta!
Deixa o vulgo mofar... Missão sublime
É do vate a missão, que o dom da lyra,
Com suaves canções divinisando,
A humanidade alenta harmonioso
Da vida nos caminhos tão difficeis:
Ergue a Deus os seus hymnos mais ardentes;
Vai nas campas soltar tristes gemidos;
Só casto e puro amor na lyra entôa,
E aos amigos auzentes terno envia
Uma endeixa de saudade.

No album do ex.mo Sr. A. P. F.

Poursuis ta sublime carrière,
Poursuis; le mepris du vulgaire
Est l'apanage des grands coeurs.
LAMARTINE.

Deixa o vulgo sorrir: deixa o sarcasmo
Do impio borbulhar nos torpes labios.
Oh! deixa-os, e prosegue tu ávante
Na sublime missão que Deus te ha dado.

Alma nos céos de muito amor formada,
De mui accesa fé, mui firme esp'rança,
Tu que a mão do Senhor vês estampada
Sôbre a terra, nos céos, e sôbre os mares;
Que em mysticas ideias incendida,
Folgas co'a solidão, e 'nella sabes
Beber inspirações e revelal-as;
Tu que entendes a brisa das montanhas,
E o concêrto dos astros scintillantes
Na abobada celeste; e sôbre as nuvens
O balouço dos ventos agitados;
E em noites de luar o som partido
Das ondas que na praia vêm quebrar-se;
E quantas harmonias vibra o mundo,

Echos frouxos dos hymnos sacrosantos,
Que a Jehova no céo anjos intôam!!

Alma ardente, que vais ás priscas éras
De nossos bons avós, singellos, puros,
Revocar tradições de amor e glorias...
Alma sensivel, qu'incessante vertes
Sôbre a campa materna amargo pranto,
E dás saudades ás queridas cinzas...
Bom filho, bom irmão, amigo certo,
Que de amor, só de amor cercando a vida,
Já vais para o futuro inthesoirando
Dôces memorias, que o futuro incantem....
Obscuro trovador eu bem quizera
Cingir-te á fronte um loiro immarcessivel,
Ou disferir na lyra um som bem forte,
Que o teu nome com elle eternisasse!
. . . . . .
Mas o loiro seccou-se, e a lyra é muda!

Pobre regato em valle solitario
Em vão murmura, corre no deserto...
Mas o pobre regato em sua veia
Alguns raios do céo talvez reflicta!

Meu nome, que em teu livro meigo acolhes,
Revele a admiração que por ti sinto.

A um poeta que se despedia para Roma

> Mais malgré tes malheurs, pays choisi des Dieux
> Le ciel avec amour tourne sur toi les yeux;
> Quelque chose de saint sur tes tombeaux respire,
> La foi sur tes débris a fondé son empire.
>
> LAMARTINE.

Vae, ó Bardo harmonioso,
Á terra das tradições,
Imbeber-te em poesia,
Receber inspirações.

Vae á Italia, a essa terra,
Onde o sol, mais amoroso,
Tarde a deixa, e volve cedo
A visital-a saudoso.

Onde o céo é mais azul,
As brisas mais perfumadas,
As scenas da natureza
Mais bellas, mais incantadas.

Vae-te, ó Bardo, vae a Roma,
A rainha desthronada,
Sem rival em sua quéda,
Inda do mundo acatada:

Vae sôbre a cinza d'heroes
Contemplar o nada humano,
Nas estatuas mutiladas
Imaginar um romano.

Visitar as catacumbas,
Esse recinto sagrado,
Onde o nosso culto sancto
Dos tyrannos foi guardado.

Vae, e essa alma de poeta,
Que abafada aqui respira,
Em hymnos lá se desate,
Trophéos côlha para a lyra.

Saudosa de lá nos mande
Inspiradas melodias,
Os hymnos religiosos,
As suaves harmonias.

Vae. Adeus! mas não te esqueças
D'esta patria abençoada,
Outr'ora rica d'heroes,
Tambem por Deus bafejada:

Não te esqueça a tua Coimbra,
Nem seus campos tão formosos,
Nem o Mondego incantado,
Nem teus amigos saudosos.

A FONTE DO CASTANHEIRO

Velada, como a virgem dos altares,
Hoje a lua mal surde d'entre as nuvens;
Porém seu negro véo, seus frouxos raios,
Entornam dentro d'alma tão suave,
Dôce melancholia, que mal póde
Alma, que a não sentiu, imaginal-a!

Como phantasmas negros
Erguem-se pelos serros os pinheiros;
Teu elevado pico, alto Bussaco,
C'roado com os festões de escuras nuvens,
De vendavaes horrísonos batido,
Parece o Adamastor, gigante enorme,
D'entre as nuvens seus fados lastimando!

Os echos acordados nos respondem
Com tão maguados sons e tão sentidos,
Que á mente se figuram como gritos
D'amantes infelizes, desesp'radós,
Qu'impios se despenharam pelas fragas,
E inda seu fado mau andam carpindo!

Fonte do castanheiro, a tua lympha,
Hontem da lua aos raios prateada,
Hoje escondida corre pelas serras
E em seu murmurio triste é como a rôla,
Que d'entre as matas geme.

Oh! silencio... a minh'alma que s'intranhe
'Neste pelago immenso da tristeza,
E farte a sêde que ganhou no mundo,
Quando illudida desvairou por elle
Em busca de venturas...

Ou antes, se vos praz, cantae — mas triste,
Triste seja o estribilho; seja accorde
Do vento ao sibillar, aos echos lúgubres,
E ao murmurio da lympha gemedora.

Deixa, que juncto a ti encoste a fronte,
De penosas lembranças macerada,
Meu anjo da amizade, que, tão meiga,
Tens sabido entornar compadecida
Balsamo dôce em meus pungentes males.

Mas tu choras tambem, tambem soluças,
Tambem o seio lagrimas te orvalham;
Tu choras de saudade, porque os sitios
Risonhos do Mondego, onde ha florido
Da tua juventude a quadra amena,
Vais em breve deixar, volvendo á patria!

Não 'stanques essas lagrymas,—são dôces
Lagrimas de saudade, eu t'as invejo!

Se a tua alma, nas azas da memoria,
Por acaso vier a repousar-se
Nos cedros do Bussaco, fatigada
De muito esvoaçar pelos saudosos
Mui queridos logares, que ora deixas...
Oh! lembre-te esta noite, e a fonte, e os echos,
E o pobre trovador, que alguns momentos
Olvidou, juncto a ti, os seus pezares.

No album d'uma senhora, no anniversario da morte de seu unico filho

(29 d'Abril de 1839)

A dôr que o coração hoje te punge,
Quem póde avalial-a? Tem mysterios
Aos corações de mãe só revelados;
Não ha na terra balsamo que a adóce;
Deus, Deus sómente, consolar-te póde!
. . . . . .
. . . . . .
—Grato ás cinzas do amigo, tristes lagrimas
Hoje ás tuas uní, e orei por elle.

A ULTIMA ESPERANÇA

Houve um tempo em que as fibras da minh'alma,
Como as cordas da lyra, se afinavam
Com as orchestras magicas de um baile,
E em turbilhões de sons tambem involtas
Eram só harmonias....
D'uma virgem ao lado, ou antes anjo,
Oh! como eu ia então junctar-me ás danças,
Suberbo, com meu braço, ao seu firmado!
Em delirios de amor todo imbebido,
Nesse tumultuar tão aprazivel
Oh! como o coração me então batia!!
. . . . . .
. . . . . .
E as grinaldas de rosas
Nas tão lindas madeixas intrançadas;
E o luzir da esmeralda, da saphira;
Alvos seios arfando, como as ondas
De um lago azul, que a brisa increspa á tarde;
E as cinturas airosas, e o pequeno,
Lindo, mimoso pé, que 'num ligeiro,
Rapido vortice, o salão percorre:
Tudo me arrebatava,

Tudo então 'num delirio indefinivel
Minh'alma e coração, e a minha vida,
Todo o meu ser prendia;
Como a vara incantada de uma fada,
Que em magicos palacios me contavam
Prender formosas moiras.

Agora, nem as fibras da minh'alma
Um som enfraquecido ao menos vibram,
Que baixo vá unir-se ás harmonias
D'essas festas, que insultam
Com seu tumultuar as minhas maguas!
Phantasmas vaporosos,
Os anjos que sonhei, já me fugiram;
Debalde os buscarei por entre os bailes;
Em vez de corações ardendo em fogo,
Batendo como o meu então batia,
Só palpo corações de gêlo e pedra,
Fingidos, refalsados.

Edade dos delirios, já passaste!
O véo das illusões, eil-o rasgado!
Sem prisma incantador contemplo o mundo!

E por isso eu fugi á festa e ao baile;
Em vez d'esses docéis adamascados,
Da minha aldêa as arvores demando;
Em vez d'esses crystaes, e serpentinas,
A noite de luar e o fulgor brando

Das estrellas do céo, que não deslumbram;
Em vez d'esses gorgeios de sirenas,
Do meigo rouxinol suaves quebros;
Em vez do braço de uma Circe falsa,
O regaço materno, onde repousa,
Do mundo deslembrada, a minha fronte,
E onde aninhar-se vem de mil tormentas.
. . . . . .
. . . . . .

Uma imagem do mundo eu só conservo;
Após as illusões, sôbre as ruinas
D'incantados castellos, que eu sonhára,
Inda a imagem d'um anjo lá diviso,
Que me póde guiar risonho á campa,
E de lá para os céos soltar meus vôos.

Mas, se és uma illusão, ó doce imagem,
—A última illusão da minha vida,—
Quando a vires findar, só te dissipa;
Quando este coração dentro no peito
Deixar de me bater, então fenece.

A BOA NOVA

Vem, não me fujas,... vem, co'as azas brancas,
Roçar-me a face, ó linda borboleta:
Imagem fugitiva de uma esp'rança
O vulgo te afigura;
E a mim, a quem não restam já de tantas,
Das que outr'ora fagueiras me embalaram,
Nem uma só que me conforte a vida,
Vem acudir-me, como a sêde d'agua,
Última 'num regato, ao sequioso
Cansado viandante no deserto.

Fôsses a boa nova
D'um sonho, que eu sonhei, realisado;
E uma vida de amor e d'innocencia
Preludiar viesses,
E na taça da vida, em vez de absinthio,
Algumas gotas de maná celeste
'Nesse teu adejar tu me agoirasses:....
Então, não borboleta,
Antes anjo do céo com azas brancas,

Do meu contínuo pranto condoído,
Irmão dos seraphins,
Meus hymnos perennaes t'os sagraria.

Vem, anjo ou borboleta, não me fujas!
Vem ainda outra vez roçar-me a face
Com tuas brancas azas.

A BORDO DO VAPOR VESUVIO

And now I'm in the world alone,
Upon the wide, wide sea.
BYRON.

. . . . . .

Vai quasi a noite em meio, e eu sósinho
Sentado sôbre a tolda, involto em nevoas,
Apenas divisando o albor da onda,
Que da roda veloz resalta em 'spuma:
'Neste espectac'lo quiz solemne e triste
Minhas maguas nutrir, fartar saudades.

Calado, como a estatua do mysterio,
O piloto sagaz ao pé do leme
Por entre as trevas o baixel inquieto
Vai esperto guiando ao seu destino;
Em baixo dormem uns, outros em ancias
Lutam c'o baloiçar desencontrado
Do revoltoso oceano. Assim o mundo,
Guiado pela mão da Providencia,
Vai caminhando entre os vaivens dos sec'los
Ao seu destino occulto!

E eu deixei-te, ó Lisboa, eden de Lysia!
Deixei teu amplo Tejo e as lindas margens,
Teus marmoreos palacios, tuas praças,
Teus passeios, teu céo sempre azulado,
E, inveja dos bretões, teu sol brilhante.
Mas não é o teu céo, teu rio, e margens,
Nem teu sol, tuas praças, teus palacios
Que m'espremem no peito atra saudade,
Que assim minh'alma inlutam!

. . . . . .
. . . . . .

Tambem choraste, e eu vi que as tuas lagrimas
Vinham do coração. Oh! e eu deixei-te?!
Assim me separei, de quem no mundo
Unica penetrou dentro em minh'alma?
Quem no meu coração unica póde
Piedosa verter da vida o balsamo,
Inda curar-lhe as chagas?!

Deixei-te, sim; mas apezar da noite,
Que m'involve tão negra, e d'este espaço,
Que rapido s'estende a separar-nos,
A tua imagem d'anjo eu lá diviso
A surrir-me no meio das angustias,
E a agourar-me, propheta, que esta ausencia
Ha de em breve findar, e que a saudade
Ha de em risos de amor inda tornar-se.

Oh! surri-me de lá, anjo mimoso!
E tu negreja embora em densas trevas,
Sombria noite; e tu, suberbo oceano,
Em tôrno do baixel, iroso freme.

NOS ANNOS DE ***

(Escripto num livro de orações)

Em quanto puder na lyra
Um hymno o bardo intoar,
Ha de um hymno agradecido
Aos teus annos consagrar.

Mas do mar da eternidade
Breve um dia ha de surgir,
A lyra estará quebrada,
Na campa o bardo a dormir.

Quando então ferventes preces
Dirigires a Elohim,
Dá uma prece ao finado,
Reza, oh! reza então por mim.

O TROVADOR

I

«Onde vais, ó trovador,
Onde vais no teu corcel,
Sósinho por azinhagas,
Sem o teu pagem fiel?

— Vou ao mosteiro deserto
Dar allivio ao coração,
Vou á ermida da Virgem
Levar fervente oração.»

E o trovador lá partia
No seu corcel apressado;
E eil-o aos muros num momento
Do mosteiro já chegado.

Eis os freixos gigantescos,
E o carvalho secular,
E o cruzeiro onde outr'hora
Se costumava assentar.

Lá parou o trovador,
Do seu corcel se desceu,
Foi sentar-se 'num degrau,
Do mundo alli se esqueceu.

Todo absorto no passado,
Immerso todo em saudade,
Repassou no fundo d'alma
Os tempos da mocidade.

E uma lagrima saudosa
Dos seus olhos escapou,
E a face por longo tempo
Em suas mãos occultou.

—«Tempos, tempos, que passastes;
Como eu era então ditoso!
Do mundo só via as flores,
Tinha então paz extremoso!

Em redor dos arvoredos
Como então aqui brincava,
E depois com que transporte
Os umbraes do templo entrava!

E os sinos vibrando festas,
E as tocheiras nos altares,
E o orgão melodioso,
E dos monges os cantares;

E o povo dos arredores,
Em fervorosa oração,
De mãos postas para Deus
E de joelhos no chão;

E o incenso perfumado,
Em ondas subindo ao céo,
Involvendo ardentes preces
Com o seu ligeiro véo:

Tudo, tudo n'alma tenra
Fazia viva impressão,
Tudo então me revelava
Dos seraphins a mansão;

Dos seraphins a mansão,
Que minha mãe me dizia
Era o premio do bom filho,
Que a seus paes obedecia.

E agora tudo ruinas...!
Cercam silvas os poiaes,
A torre já não tem sinos,
Vão desabando os portaes!

O povo não corre ás festas,
Passam de longe os pastores,
E em vez do orgão sibila
O vento nos corredores.

Oh! não entrarei no templo,
Que me estala o coração,
Não irei ver em ruinas
A casa da oração;

Nem as cinzas venerandas
Dos antigos fundadores,
Dispersas e profanadas
Por impios devastadores;

E as pedras dos mausoléos,
Tão ricas, assim quebradas,
E as estatuas dos heroes
Em pedaços mutiladas.

Raça peior que a dos vandalos,
Que hoje Lysia devastaes,
Sôbre vós a maldição,
Sôbre vós, que derrocaes;

Nem memorias dos bons tempos,
Nem das artes o primor,
Nem fastos da historia honrada,
Quiz poupar vosso furor.

Oh! maldição e desprêzo
Eu só vos posso votar;
O coração me quebrastes,
Não vos posso perdoar!

II

«Onde vais, ó trovador,
Onde vais, e tão folgado,
Pela azinhaga florida
De uma dama acompanhado»?

—Vou á ermidinha deserta
Minha promessa cumprir:
Eu orei á Virgem sancta,
A Virgem me quiz ouvir.

A mulher que eu suspirava
Para minha companheira,
Eil-a aqui vai a meu lado,
Amante, terna e fagueira:

Foi o altar testimunha,
Eu jurei, ella jurou,
Ella quer ser minha sempre,
Eu sempre e só d'ella sou:

Nossas almas inlaçadas
Em doce estreita união,
Unidas sempre na terra
Unidas aos céos irão:

E por isso á Virgem sancta
Vou, com muita devoção,
Ferventes graças render-lhe,
Supplicar-lhe a protecção.

Por sôbre o mar d'esta vida,
A Virgem sancta invocando,
Com vento do céo iremos
Á patria eterna singrando.»

Já vai longe a dama bella,
Longe vai o cavalleiro,
Até que por fim pararam
Juncto aos portaes do mosteiro.

E já Deus tinha escutado
As preces do trovador:
Já não se viam ruinas,
Volvêra o antigo esplendor.

De novo as gallas brilharam,
Ornou-se de novo o altar,
E o trovador satisfeito
Pôde alli de novo orar.

. . . . . .
. . . . . .

Vamos, vamos, terna amiga,
Vamos, vamos, á ermidinha;
Bons corceis, voae ligeiros...
Eil-a ahi, ó vida minha.

E sôbre a pedra do atrio
Longo tempo ajoelhados,
Preces, graças, votos d'alma
D'alli sobem misturados...

Pareceu surrir-se a Virgem
Com tamanha devoção,
E aos dois mais amor e esp'rança
S'intranhou no coração.

Quaes duas nuvens d'incenso
Da mesma urna saindo,
Quanto mais aos céos se elevam
Mais e mais se vão unindo:

Taes aquellas duas vidas,
Cada vez mais extremosas,
Sentiram mais estreitar-se
Suas prisões amorosas.

III

. . . . . .
. . . . . .

Longos annos já passaram;
No cemiterio da aldêa
A campa do trovador
Mui de fresco alli campêa:

E sôbre a campa á tardinha
Uma dama vinha orar;
Alguns annos, sempre em lucto,
Nunca a viram lá faltar...

Até que a campa se abriu
E outro corpo recebeu;
Desde então, sempre fechada,
Com o tempo enegreceu.

E contaram uns pastores
Que 'nessa noite se viram
Umas luzes sôbre a campa,
Que depois ao céo subiram.

Entre muitos, pela aldêa,
Tambem correu um rumor:
Que as luzes eram as almas
Da dama e do trovador.

---

*

A LYRA

No album do Ex.mo Sr. J. O. C.

Na quadra d'illusões, quando inda virgem,
D'incognitos desejos opprimido,
Anceia o coração dentro no peito;
Quando cansa o mancebo atrás da imagem
De um anjo lindo, emanação celeste,
Que em delirios a mente lhe ha pintado,
E em cada som que escuta,
E em cada olhar que vê, passos que sente,
Olhos, e andar, e á voz já imagina
D'esse anjo mui formoso,
Por quem existe só, por quem morrêra,
Se fôra além da vida unir-se a elle...
Nessa quadra de febre,
N'amiga solidão, co'a minha lyra,
Pude a febre abrandar, tornar mais doces
Ancias do coração, delirios d'alma.

Sôbre as pedras das campas, que me guardam
Essas sombras tão charas, por quem corre

Meu pranto nunca enxuto; sôbre as campas,
Que me guardam tambem metades d'alma,
Apraz-me, ás horas mortas,
Ir na lyra toar endeixas tristes,
De Job ás notas funebres moldadas;
E no magoado canto
Muita vez encontrei grato consôlo,
Allivio doce ao pêso da saudade!

Reverberou outr'ora
Dos fogos infernaes sulfurea imagem,
Pelos seios de Lysia amargurada,
Das discordias civís o facho horrendo:
Na lyra humedecida
De meu doído pranto erguí um hymno,
Todo ardente de amor, ao Deus supremo,
Um hymno de concordia;
E nos echos, que a lyra despertava,
Cuidei surrir-me a esp'rança.

Vaticinou-me a lyra, em cordas d'oiro,
Prazeres d'hymeneu, almas doçuras,
Em taça sempre cheia;
E em cordas d'oiro a lyra ha de perenne
Vibrar em castos hymnos esse nome,
Que me tornou ditoso.

As bordas do sepulchro a minha lyra
Será junto a meu lado amiga e socia,

E hei de nas cordas suas,
Como o cysne, soltar cantico extremo
De despedida ao mundo; e ha de, vibrada
Co'as derradeiras notas de seus hymnos,
Mergulhar-se a minh'alma
De Deus no seio em melodia eterna.

Ó vate, que uma alma houveste
Bafejada de harmonia,
Tange, tange a lyra d'oiro,
Desfaze-te em poesia.

No peito ainda te lavra
Doce fogo, ó trovador,
Tange, tange a lyra d'oiro,
Solta o teu hymno d'amor.

Despertaste sympathias,
Vais deixar-nos a saudade,
Tange, tange a lyra d'oiro,
Dá um hymno á amizade.

De ventura e de amor cantos desfira,
Seja doirada sempre a tua lyra!

O CEMITERIO DA ALDEIA

(Traducção de uma Elegia de Gray)

Sinto um sino a troar, lugubre e triste,
Ao dia que fenece o adeus saudoso!
Por trilhos tortuosos, passo lento,
O gado s'encaminha ao grato aprisco;
E o lavrador, da lida afadigado,
Á placida choupana a custo chega:
O mundo deixa entregue ao lucto e ás trevas,
E da minh'alma ás reflexões sombrias.

Todo dos prados se apagou o brilho!
Mudo silencio em tôrno a mim vagueia;
Só d'alados insectos o zunido
Ousa de quando em quando interrompel-o;
O seu murmurio, lugubre, dormente,
Ao longe lá s'escuta na campina.
¿D'onde vindes, suspiros tão sentidos?
Ah! sois do mocho, que na torre velha,
Que as heras cingem, triste aos céos se queixa.
A antiga solidão vim perturbar-lhe,
Os seus lhe profanei sombrios bosques.

Musgo, que em pó desfez a mão do tempo,

Debaixo d'estas arvores copadas
Eleva-se em montões;—aqui debaixo
D'estes olmos, á sombra dos cyprestes,
Dos simples habitantes d'esta aldêa
Os rusticos avós em paz descançam,
'Nesta tão 'streita, perennal morada.
Das aves o gorgeio, a voz do gallo,
Nem da campestre flauta os sons maviosos,
D'este funereo leito erguel-os podem;
Nem mais hão de gozar, nunca dispertos,
Perfumes matinaes, que sôbre as azas
Os zephyros em vão lhes conduzirem.

C'o foucinho na mão viam-se outr'ora
As messes derrubar, prostrar por terra;
Cedia indocil campo aos seus trabalhos;
Possantes bois ao jugo sujeitavam;
Audaciosos carvalhos quantas vezes
Gemer se ouviram nas cerradas matas
Do seu machado aos repetidos golpes!

Para elles não é que a chamma ardente
Se accende no fogão, ou que prepara
O rustico jantar a esposa anciosa;
Para elles não é, que a tenra infancia
Ergue innocentes mãos, offerece um beijo,
Um beijo que lh'inveja a mãe em zelos.

Por que desprezas tu, homem vaidoso,

Os seus uteis trabalhos, o singelo
De seus prazeres, seu destino obscuro?
Porque um surriso sóltas, de suberba,
Desdenhoso escutando a historia simples
E succinta do pobre não manchado?

As pompas do poder, do sangue o orgulho,
As riquezas, o fausto, a formosura,
Da hora inevitavel não se eximem;
Todo o brilho da gloria ás campas corre!

Dos templos as abobadas sagradas
C'os elogios seus não retiniram,
Nem vaidosos trophéos sôbre os sepulchros
Fallaz lhe alevantou mão de vindouros:
Seus fados não choreis, grandes do mundo.
¿Suberbo mausoléo acaso póde
Ao morto revocar o extincto sôpro?
¿Póde acaso aquecer do incenso o fumo
O pó já frio? da lisonja as vozes
Do finado intranhar-se nos ouvidos?

Talvez sob esta terra desprezada
Se occulte um coração outr'ora aceso
'Numa chamma celeste, agora extincta,
E mãos dignas talvez d'um aureo sceptro,
E talvez de pulsar a maga lyra.
Sómente lhe faltou que a sciencia amiga,
Dos despojos do tempo enriquecida,

Abrisse aos olhos seus o livro immenso.
No peito lhe calcou nobres transportes
Indigencia oppressora; em sua origem
O fogo lhe gelou do genio ardente,
Qu'ideias creadoras sopra n'alma.
Assim s'escondem mil preciosas pedras
Das montanhas nos concavos sombrios;
Balsamicos perfumes no deserto
Assim exhalam recatadas flores.

Talvez, talvez repouse aqui um Hampden,
Que aos injustos esforços dos tyrannos
Intrepido opporia alta virtude;
Talvez um Milton, que morreu inglorio,
Sem nos cantos soltar torrentes d'estro;
Um Cromwel, cujas mãos se não mancharam
Com o sangue da patria miseranda.
Subido ingenho, inspirações sublimes,
Não lhes ganharam throno d'alta gloria;
Sua sorte os privou, mesquinha, obscura,
Dos trophéos da virtude e do renome,
Do dom celeste de fazer ditosos,
De ver risonho o pobre agradecido.
Se lhes tolheu porém grandes virtudes,
Tambem os desviou de grandes crimes;
Ao throno por degraus não se elevaram
Tinctos de seus irmãos no rubro sangue;
Nem sôbre a raça humana, impios, duros,
As portas encerraram da clemencia.

Nunca da feia culpa atormentados,
As faces lhes subiu rubor do crime,
E nunca da consciencia assustadora
Os repellões soffreram temerosos;
Do vicio sôbre o altar queimando incensos
Co'a torpe musa os céos não profanaram.

Mas eis sôbre esta campa um monumento,
Que do tempo aos ultrages quer roubal-a,
Sôbre a pedra alguns versos mal traçados
Supplicam do viandante algumas lagrimas.

¿E ha coração, que deixe sem saudades
Vida que o fez bater dentro do peito?
¿Quem do olvido jámais, quem do silencio,
Quiz voluntario ser a prêsa triste?
¿Quem da vida o calor, da luz o imperio,
Sem custo abandonou, e foge, e morre,
Sem que um magoado olhar ao mundo volva?

Noss'alma, quando voa, apraz-se, exalta
Com saudades, com ais, com meigo pranto.
Do moribundo a vista, extincta quasi,
Lagrimas ternas supplicar parece;
Lá do fundo da campa a natureza
Um grito sólta; — d'entre as cinzas nossas
Inflammada faisca tambem surge.

De mim tambem, que um culto presto agora

A estas frias cinzas despresadas,
E que nos versos meus as tórno á vida,
Da solidão se acaso algum amigo,
Se um vate pensador tambem um dia
Seus passos dirigir por estes campos,
Meus destinos talvez saber procure.

E talvez que um pastor, encanecido
Pelos annos, se apresse a responder-lhe:
«Muitas vezes o vi; raiando a aurora,
«Com seu passo ligeiro o fresco orvalho
«Do calice das flôres sacudia;
«'Nestes florídos campos vinha sempre
«O quadro contemplar do sol nascente:
«Olha, não vês no fundo lá do valle
«Um antigo carvalho, cujos ramos
«Curvados formam magestosa sombra?
«Do ribeiro o murmurio alli 'scutava,
«D'alli c'os olhos lhe seguia o curso.

«Umas vezes errava pelos bosques,
«E aos labios lhe accudia um riso amargo;
«Entrecortadas fallas se lhe ouviam,
«Talvez imagem d'um delirio d'alma;
«Ás vezes parecia anniquilado,
«Como se o reprovasse a natureza,
«Ou desesp'rado amor o consumisse.

«Porém nos céos surgiu um dia a aurora

«Sem que elle apparecesse, e o sol debalde
«S'elevou no horizonte; elle não veio
«O ribeiro escutar, sentar-se ás sombras.

«Logo os lugubres cantos, logo o entêrro
«Sua morte por fim annunciaram,
«Cá veio dar á terra dos finados!
«Olha os versos gravados sôbre a campa,
«A moita que os incobre eu t'a desvio.

EPITAPHIO

Em teu seio o recebe, ó terra amiga;
Este não mendigou com vil cubiça
Da fortuna o favor, da fama incensos:
Terna melancholia foi seu fado;
A sciencia lhe abriu os seus thesoiros,
Seu nascimento humilde esclarecendo;
O céo o cumulou dos seus favores,
Dando-lhe um'alma terna e bemfazeja;
Sôbre o infelice lagrimas piedosas
Seu unico thesouro derramava;
Um amigo buscou, teve um amigo.
D'este asylo profundo, nem o brilho
Do bem que praticou ao mundo ostentes,
Nem manifestes impio seus defeitos.

Seus defeitos aqui, suas virtudes,
No seio do seu pae, do Deus clemente,
Entre o temor e a esperança em paz descançam.

A CAMPA E A ROSA

(Traducção de uma poesia de Victor Hugo)

Ó linda flor dos amores, —
Disse a campa á rosa um dia:
Tu, que fazes dos frescores,
Que em teu seio chove a aurora?
— E tu, disse a rosa á campa,
Que fazes ao que devora
A tua fauce de harpia?
— Disse a rosa: ó campa fria,
Perfumes d'esses frescores
De mel faço e de ambrosía.
— Pois eu, disse a campa á rosa,
Das almas, ó flor mimosa,
Que pousam no seio meu,
Faço os anjos para o céo.

O ALCYÃO NO CABO *** (1)

(Traducção de uma canção de Mlle. Pauline Flaugergues.

Canta, e co'a ponta d'aza preguiçosa
As aguas fere! Qual surrí de gosto
Menino, que no berço a mãe imballa,
Canta, suave Alcyão, e em mar sereno
Das ondás amimado vae boiando.

Meu termo de viagem se approxima!
Pouco mais penarei, que a paz das campas
Ahi vem perto! Oh! nem por mim te peze!
Esta minha tormenta dura ha muito...
Antes dormir no porto, que de susto
Tiritar sôbre o escolho.

Mas tu co'a ponta d'aza preguiçosa
As aguas fere! Qual surrí de gosto
Menino que no berço a mãe imballa,
Canta suave Alcyão, e em mar sereno
Das ondas amimado vae boiando.

Tão feliz! nem fugiste á tua gente,

(1) Veja-se a nota unica no fim do volume.

Nem corres triste e só por sôbre as aguas,
Teu ninho vai comtigo, e a patria inteira
Te segue e boia ao lado.

Longe, bem longe é o lar por que suspiro!
Longe, bem longe o que meu peito anceia!
E ser-me-ha dado o ver... 'scutar ainda
Olhos, sons que amo tanto?

Terna amizade, nobre e pura chamma
Do céo descida! onde não te acoitas,
Ahi o gêlo do sepulchro mora!
Viver, morrer sem revelar minh'alma!
Que! do ardido pensar pôr termo á chamma?

Que! só penhas, e só areal deserto!
Um ar pesado, um céo tempestuoso!
E, mais triste que a noite, luz do dia
Tão livida, que offende os olhos debeis!

Se 'nesta muda praia houvera ao menos
Um echo só, que a voz me repetisse!
Uma flor murcha,... um tronco desfolhado...
Um só no céo, um astro vacillante!...

Quão grato me sería esse echo triste,
A flor amortecida; quanto a estrella
Pallida, e esse tronco já lascado!...
Dae-me, dissera, dae-me sympathia,
Oh! dae-me piedade!

Sim... piedade,... porque eu soffro, e muito!
Respiro a custo; um pêso, que m'o esmaga,
Me opprime o coração! oh! sim, piedade,
Que eu morro, e vai cobrir-me a fronte gelida
D'alvo sudario a areia movediça.

Dizia; e tu passaste rente d'agua,
Que roçavas co'as pennas azuladas;
Teu canto respondeu a meus gemidos,
Como o som do alaúde me responde
Sob os dedos, que o vibram.

Vem, responde outra vez a meus gemidos,
Cantor sonoro, que esta dor me affagas;
Teu canto me parece hymno d'esp'ranças,
Tua brilhante côr a côr dos céos!

Canta, e co'a ponta d'aza preguiçosa
As aguas fere! Qual surrí de gosto
Menino, que no berço a mãe imballa,
Canta, suave Alcyão, e em mar sereno,
Das ondas amimado vai boiando.

UMA VOZ DO CÉO

(Traducção d'outra canção de Mlle. P. Flaugergues)

Eu sentia, como as sombras,
Minha vida deslizar-se,
E os olhos de um véo sombrio,
Quasi sem luz a toldar-se.

Triste, e pallida de medo,
Eu me curvava abatida,
Com os pulsos roxeados,
D'impios grilhões opprimida.

Era o mal, o monstro horrendo,
Que em meu coração intrára,
Em meu coração, que debil
De si mesmo se assustára.

Por seu halito de morte
Foi minha vida arrojada,
Como um tronco velho e sêcco,
Como a espiga já ceifada:

*

Como a folha resequida
Nas azas do furacão,
Eu caminhava perdida,
Vacillante e sem razão:
Na vertigem involvida
Procurava a estrada em vão!
A minh'alma impaciente,
Toda accesa 'num vulcão,
Fluctuava, como as aguas,
Quando fervem em cachão.

E eu disse para a existencia:
— Oh! não és mais que um martyrio! —
Disse tambem á sciencia:
— És vaidade, és um delirio! —
Virtude, gloria, amizade,
Os milagres da harmonia,
Tudo, na sua loucura,
A minha'alma desdizia!

Minha cabeça esvaída,
Sôbre a mão immagrecida
Tristemente s'inclinou...
Meu orgulho se quebrou.

Da dúvida sob o pêso
A minh'alma foi turbada,
Como um céo tempestuoso;
Da minha face molhada

Em ondas o pranto ardente
Borbulhava impetuoso.

Pomba triste e solitaria,
De terror estremeci....
Fui á campa, fui dizer-lhe:
— Agora só espero em ti... —

Mas o impio pensamento
Sôbre os labios expirou;
Foi porque uma voz celeste
Em meu peito resoou:
— Ó tu, que gemes, espera,
Chora aos pés do Salvador,
Uma lagrima sincera
Abrandará seu rigor:

Como os orvalhos do céo
Ás chagas do peito teu,
Verás a graça descer,
E por fim a paz volver:

Do bom Deus, que te convida,
Cada palavra dá vida:
Vem, seu jugo é amoroso;
Vem, qual onda salutar,
Essa voz que regenera,
Vae já do empireo baixar.—

Cheia de susto e pavor
Vim ter comtigo, ó Senhor;
Penitente a ti clamei,
Contra mim mesmo fallei.
Mas no instante em que prostrada
Eu tremia ao nome teu,
Sôbre a cabeça curvada
O perdão logo desceu.
Ó ineffavel clemencia,
Meu coração libertaste;
Renasceu para a ventura,
Quando á espr'ança o tornaste:

E eu bebi tuas palavras,
Innundada em pranto ardente,
Como a areia sequiosa
Bebe as aguas da corrente.

Ó Deus, ó summa Bondade,
Como é feliz quem te adora,
Quem te adora com transporte!
Foste tu que me chamaste,
Foste tu que me arrancaste
As impias garras da morte!

Tu foste que m'escolheste;
Que ao pé da campa vieste
D'esta vida a fenecer
O debil facho accender.

Como em deserta campina
Uma fonte crystalina
Apaga da sêde o ardor;
Como ao viandante cançado
Um céo azul e estrellado
O refresca do calor:
Da minha vida agitada,
Largando o futil lavor,
Vim abrigar-me opprimida
Na habitação do Senhor.

Que paz tão meiga e suave!
Como tudo está calado!
Fogem os dias quaes horas
'Neste recinto sagrado!
Meu peito dilacerado
Toma alento, quando eu oro,
Mas no meio da ventura
Ainda suspiro, ainda choro!

Sim, na mystica morada,
Em tristeza mergulhada,
Nem uma prece, ó meu Deus,
Ergo ás vezes para os céos!

Porque a minh'alma incendida,
De desejos consumida,
Quer mais alto remontar-se.
Senhor, para ser-te unida

Porque não póde esta vida
Em harmonia exhalar-se?

Ou de amor toda abrazada,
Como um perfume cheiroso,
Ir em nuvens enrolada
Ao teu seio carinhoso?

Ó Deus, ó summa bondade,
Como é feliz quem te adora,
Quem te adora com transporte!
Foste tu que me chamaste,
Foste tu que me arrancaste
Ás impias garras da morte.

INVOCAÇÃO Á ESPERANÇA..

(Versão de uma poesia de D. José Zorrilla)

Doce illusão da vida, meiga esp'rança,
Triste e última luz do coração,
Ao teu frouxo esplendor um passo ávante
Dá o mortal no escuro pantheão.

Só tu nos dás alento nos caminhos,
Em que entrâmos no instante de nascer;
Nosso amargo destino é teu destino,
Só dos teus mimos nos surrí prazer.

Se nos doiras a infancia socegada,
Accendes nossa ardente juventude,
Amparas a velhice vacillante,
E ardes inda no concavo athaúde.

És sol na vida, lampada na morte,
Gosâmos sempre dos influxos teus,
Fiel nos deixas só, quando te perdes
Aos pés do throno do supremo Deus.

SEGUNDA PARTE

A SOLEDADE

No carcomido tronco de um carvalho,
Quando o sol já declina,
Mergulhado em tristeza eu vou sentar-me
No cimo da collina;
D'alli derramo as vistas desvairadas
Dos campos pelas scenas variadas.

Aqui freme espumoso um rio em vagas,
E em gyros de serpente
'Num horizonte obscuro vai sumir-se;
O seu crystal dormente
Além um lago espraia, reflectindo
De Venus o fulgor que vem surgindo.

Na crista da montanha, coroada
De denso bosque umbroso,

Do sol ainda um raio se divisa,
E o carro vaporoso
Da rainha das sombras vem rodando,
As raias do horizonte branqueando.

Do campanario gothico vibrado,
Um som quasi divino
Á oração convida e ao repouso
Cançado peregrino;
Com o tinir do bronze harmonioso
O dia se despede suspiroso.

Desgostosa, insensivel, a minh'alma
Sem fixar-se vagueia,
Com o prazer d'outr'ora 'nestes quadros,
Triste, já não se enleia!
Ólho a terra, qual sombra espavorida,
Os mortos não aquece o sol da vida.

De collina em collina vagueando,
Do sul ao aquilão,
Meus olhos desde a aurora ao occidente
Tudo correndo vão:
E eu digo:—minha vista em vão procura,
Em sítio algum depara co'a ventura!

Estes valles, as rochas, os palacios,
E as choças do pastor,
Para mim vãos objectos, sem incanto,

Não tem nenhum valor:
Sem um ser que vos falta, amenos prados,
Rios, bosques,... sois ermos escalvados!

Quer o gyro do sol vá ter princípio, -
Quer esteja a findar,
Eu, insensivel sempre, pelos céos
O vejo caminhar;
Quer sumido entre nuvens, quer radioso,
Qu'importa o sol e o dia ao desditoso?

Ainda que em seu gyro eu o seguisse
Dos céos pela extensão,
Meus olhos sequiosos só veriam
O vácuo, a solidão:
De quanto cobre o sol, nada appeteço,
Ao mundo inteiro cousa alguma peço.

Para além d'estes mundos, n'outra esphera,
Onde um sol mais brilhante
Outros céos, outros astros allumia
Com luz mais fulgurante,
Se á terra o que é da terra abandonásse,
Talvez que os meus desejos contentasse.

Lá daria co'a fonte, que só póde
Saciar meu ardor;
Só lá realisára a minha esp'rança,
Os meus sonhos de amor;

Esse prazer ideal, que a alma anceiar
E que a lingua dos homens não nomeia.

E eu, por que não posso, remontado
Sôbre os carros da aurora,
Ir unir-me comtigo, ó charo objecto,
Por quem minh'alma chora?
Eu que faço no exilio que me encerra,
Sem um só laço, que me prenda á terra?

Quando no outomno as folhas resequidas
Cáem murchas no chão,
Bem longe pelos campos as dispersa
Da tarde o furacão;
Eu sou tambem qual folha ressequida:
Arrojae-me, aquilões, além da vida.

A ELVIRA

Aos rochedos de Tibur suspiroso
Inda o Anio murmura o mui suave
Nome de Cinthia bella; inda Voclusa
Da incantadora Laura o nome guarda;
E ha de Ferrara suspirar perenne
O de Leonor formosa!
Feliz a bella, a quem o poeta adora!
Feliz o nome, a que sagrou seus cantos!
Ó tu, que elle idolátra,
Podes, podes morrer!... mas vida eterna
Ha de nos versos seus legar-te o bardo;
E nas azas do genio o amante e a amada
Unidos voarão á eternidade.
Se o meu fragil baixel surgir pudesse,
Com vento mais propicio, alfim no porto!
Se mais pomposos soes me allumiassem!
Se erguer pudessem, ameigando o fado,
As lagrimas da amante
De sôbre a face minha os véos da morte!
Oh! talvez... sim, perdão, mestre na lyra,

Talvez ousasse (a tudo amor se atreve)
Egualar ao amor a minha audacia,
E nos cantos rivaes do meu delirio,
De nosso puro amor deixar memoria!
Peregrino cançado da viagem
Assim no tronco d'arvore frondosa,
Que no valle lhe deu amena sombra,
Folga, antes de partir, gravar seu nome!

Olha, não vês mudança ou morte em tudo?
Seus fructos perde a terra, o bosque as folhas;
Vai nos seios do mar sumir-se o rio;
Um sôpro do aquilão requeima os prados;
Pela mão dos invernos arrastado,
Já o carro do outomno se despenha!
O tempo com a morte, qual gigante
Armado com a foice inevitavel,
Derrubando ao acaso quanto existe,
Sem no vôo cançar, renova o mundo!
Tudo, quanto ceifou, caíu no olvido!
Assim o estio vê cair-lhe a c'roa,
Derradeira, nos cestos do respigo;
Assim no outomno amarellado pampano
Da vindima nos carros vê sumidos
Os seus doirados fructos!

Tambem vós cairêis, flores da vida,
Que tão breve murchais! amor, prazeres,
E mocidade, e tu, ó formosura,

Brilho de um dia só, que os céos invejam,
Assim vós cairêis, se a mão do genio
Vos não torna immortaes!
Essa turba de jovens, que hoje em festas
Misera tumultua, e, radiosa
De brilho e pompas, sonha só prazeres;
Quando houver esgotado a taça magica,
D'ella que restará? leve saudade,
Que na campa bem cedo ha de sumir-se!
E aos seus amores um silencio eterno
Vai logo succeder! Porém, Elvira,
Hão de os sec'los calcar as cinzas tuas,
E tu viverás sempre!

A NOITE

Foge o dia: eis o silencio!
'Nestas rochas assentado,
Contemplo o carro da noite
Pelos ares apressado.

Surge Venus do horizonte,
E a linda estrella amorosa
A meus pés branquêa os prados
Com a luz mysteriosa.

Do verde triste cypreste
Ouço os ramos susurrar,
Dir-se-hia em tôrno das campas
Uma sombra a caminhar...

E logo, dos céos descido,
Um raio do astro nocturno
Vem frouxo tocar meus olhos,
O meu rosto taciturno.

Bello raio, que me queres
Com teu suave fulgor?
Vens em meu peito abatido
Á minha alma dar calor?

Dos mundos altos mysterios
Vens-me acaso revelar?
Segredos na esphera occultos,
Onde a luz te vai lançar?

Intelligencia secreta
Aos desgraçados te envia?
És tu o raio da esp'rança,
Que de noite os alumia?

Descortinando o futuro
Ao infeliz que te implora,
Acaso de um dia eterno
Serás a divina aurora?

Inflammado com teu brilho
S'extasia o coração;
O espirito, ó raio, acaso
Serás dos que já não são?

Talvez assim os seus manes
Se afoutem no deserto!
Involvido em sua imagem
D'elles me julgo mais perto.

*

Se sois vós, sombras queridas,
Longe aqui da multidão,
Vinde, vinde, a esta hora,
Ter comigo á solidão.

Á minh'alma sem alento
Volvei a paz e o amor,
Como o orvalho que succede
De um dia em braza ao calor.

Vinde...; mas já do horizonte
Surgem funereos vapores;
Sumiu-se o raio celeste
Das trevas entre os horrores!

A IMMORTALIDADE

O sol dos nossos dias, desde a aurora,
Pallido o gyro corre, e apenas lança
Ás frontes dos mortaes desfallecidas
Frouxo clarão, que mal guerreia a noite...
Co'as sombras foge o dia, e eis tudo em trevas.

Do aspecto pavoroso os fracos tremam,
Do abysmo ás bordas pavidos recuem,
Não podendo escutar, sem que estremeçam,
Triste psalmear de mortos, e abafados
Suspiros do irmão, da chara amante,
Prestes a escorregar do leito á campa;
Nem do bronze os soídos, que annunciam,
Funebres, aos mortaes mais um finado.
Libertadora morte, eu te saúdo!
Tu não tens para mim o aspecto hediondo,
Com que o erro e o pavor te retrataram;
Não tens por arma a foice ensanguentada,
Nem teu ar é cruel, teus olhos perfidos;
Manda-te Deus dar fim ás agonias:
Não anniquilas, pões em liberdade;
Mensageira celeste, tu empunhas

Um facho divinal na mão clemente;
Tu, quando os olhos meus já fatigados
Á luz se fecham, d'outra luz mais pura
As palpebras me inundas, e a teu lado
Recostada a uma campa eu vejo a Esp'rança,
De mãos dadas co'a Fé, mostrar-me os céos.

Dos laços corporaes corre a soltar-me!
Vem abrir-me a prisão, prestar-me as azas!
Oh! vem, não tardes; já por voar anceio
Ao meu princípio e fim, ao Ser eterno!
D'onde vim? eu quem sou? qual meu futuro?
Eu morro, e o que é nascer ainda ignoro!
Tu, que debalde inquiro, hospede incognito,
Não me dirás, ó espirito, quaes céos
Antes de me animar tu habitavas?
Quem te arrojou sôbre este fragil globo?
Do barro na prisão quem te ha fechado?
Por quaes pasmosos nós, laços secretos,
O corpo a ti se liga, e tu ao corpo?
Tu quando has de extremar-te da materia?
Qual mansão buscarás, deixando o mundo?
Tudo has esquecido? E além da campa
Vais ainda renascer, tudo olvidando,
E começar de novo o mesmo gyro?
Ou no seio de Deus, na patria eterna,
Das cadeias mortaes em fim liberto,
Vais perenne gozar dos teus direitos?

Sim, tal é minha esp'rança, ó doce vida!
Já por ella a minh'alma confortada
Pôde ver sem terror nas faces lindas
Desbotarem-te as côres tão brilhantes;
Por ella, com a chaga que me rala,
Mancebo me vereis surrir á morte,
E nos meus olhos lagrimas de gôsto
Por ti hão de brilhar no adeus extremo.
Esp'rança vã! o Epicurêo vozêa,
E esse, que a natureza dissecando,
Crê descobrir do cerebro 'num ponto
Que as massas pensam, que vegeta o espirito:
— Insensato! (dirão) que orgulho cego!
Olha em tôrno de ti: tudo começa,
E tudo acaba, tudo tem um termo,
E para morrer nasce: olha nos prados
Como a pallida flôr se murcha e sêcca!
Vê como o cedro altivo na floresta
Cái c'o pêso dos annos sôbre a relva;
Do mar os amplos leitos vão seccando;
Os céos mesmos não brilham como outr'hora.
Esse astro, cuja origem vai sumir-se
Nas eras mais remotas, tambem corre,
O sol como os mortaes, á decadencia;
E pelos céos desertos inda um dia
Olhos o buscarão sem encontral-o.
Não vês em tôrno a ti, no mundo inteiro,
Os sec'los cumular, uns sôbre os outros,
Montões de ruina e pó? Não vês o tempo

De tudo o que produz tornar-se o feretro?
E, cheio d'altivez, ainda o homem,
'Nùm sublime delirio embriagado,
No geral turbilhão volvido ao nada,
Sonha desfeito em pó co'a eternidade! —

Não vos sei responder, sabios da terra!
Deixae-me 'nesta fé: eu amo, e muito,
Por isso muito espero; embora veja
Minha razão turbar-se e confundir-se.
Sim; calla-se a razão, mas falla o instincto.
Ainda que nos céos eu visse os astros
Do ether pelos campos assustados,
Ao acaso correndo uns contra os outros,
Em rija collisão despedaçar-se;
Quando ouvisse gemer, partir-se a terra,
E visse o globo seu, sósinho, errante,
Longe dos soes, em lucto pelo homem,
Ir sumir-se por fim em noite eterna,
E, último espectador da scena funebre,
Do cahos rodeado e morte e trevas;
Eu só ficasse; eu só sôbre as ruinas,
Dos mundos derrocados, — sempre, sempre,
Certo da volta de uma aurora eterna,
Teria esp'rança em ti, Deus de bondade.

'Nesses sitios ditosos, chara amante,
Que viram de um olhar nascer ardente
Nossa terna paixão: não te recordas

Que já nos alcantís d'antigas rochas,
Ou já de um lago á solitaria margem,
Nas azas do desejo arrebatados,
Para longe do mundo eu me embrenhava
Comtigo, do pensar 'nestes abysmos?
E as sombras, que desciam, desdobrando-se
Mui densas pela encosta das montanhas,
Os campos por momentos escondiam;
Mas logo o côro silencioso e frouxo
Das estrellas da noite, que surgiam,
Os velados objectos descobrindo,
Com seu branco fulgor alumiavam
As collinas, os campos, o horizonte?
Assim, em nossos templos, quando os raios
Do sol cadente a enfraquecer começam,
D'alampada o clarão no sanctuario
Mais branda luz esparge e mais devota.

No teu extasi então tu me apontavas
Ora a terra, ora os céos, e: «ó Deus occulto,
Dizias, eis teu templo, a natureza.
Vê-te a alma onde os olhos a contemplam;
Das tuas perfeições, que elles perscrutam,
É o mundo um reflexo, o espelho, a imagem:
O dia é teu olhar, a formosura
É um surriso teu, e em toda a parte
Te adora o coração, te imbebe o espirito:
Bom, eterno, infinito, omnipotente,
São attributos que exprimir não podem

Do teu nome uma letra só; curvado
De tão divina essencia ao pêso forte,
O espirito em silencio te venera.
E com tudo, ó meu Deus, por lei sublime
Este esp'rito abatido a ti se arroja;
E, certo que o amor é seu destino,
Impaciente de amar arde por ver-te.»

Dizias, e os suspiros confundidos
De nossos corações o vôo erguiam,
Abrasados de amor, ao Ser eterno.
Da creação em frente, de joelhos,
Durante o dia e noite ardentes preces
Nos saíam dos labios, e ora a terra
Nosso destêrro os olhos contemplavam,
Ora aos céos se volviam deslumbrados.

Ah! se 'nesses momentos em que anceia
Nossa alma por fugir, quebrando os ferros,
Do seio que a captiva, Deus ouvisse
Lá do alto dos céos ardentes preces,
E ambos nos libertasse de um só golpe;
Nossas almas subindo á sua origem,
Os mundos cortariam em seu vôo,
E nas azas do amor, e além do espaço,
Como um raio de luz atravessando,
Iriam ter com Deus espavoridas,
A abrigar-se por fim no seio eterno.
Sería um sonho vão? E hão de os seres

Para o nada volver filhos do nada?
Tambem sujeito ao corpo em seu destino
O espirito na campa irá sumir-se?
Tambem se torna em pó? Ou, quando voa,
Como um extincto som por fim se exhala?
Após suspiro vão, e adeus supremo,
Nada de tanto amor por fim persiste?
A ti, a ti sómente, Elvira inquire,
Vê, quem te ama, expirar,.... depois responde!

O VALLE

Cançado de soffrer, sem luz d'esp'rança,
Não irei invocar submisso a sorte;
Bosque da minha infancia, dá-me o asylo
De um dia só, onde eu aguarde a morte.

Eis o atalho que leva ao valle escuro;
Densa folhagem, que da encosta pende,
Cruzando sôbre mim a sombra espessa,
Do silencio e da paz o manto estende.

Dois regatos serpeando pelo valle
Vão sumir-se nos tufos de verdura,
E perder juncto á origem crystallina
Seu nome e o som da lympha que murmura.

Dos meus dias tambem sumiu-se a veia,
Tambem passou sem nome e sem ruído:
Mas não foi de crystal; n'alma turbada
Nunca um dia formoso me ha luzido!

Das aguas c'o frescor, co'a sombra amena,
Dos regatos á beira o tempo esquece,
Qual menino da mãe acalentado
Minh'alma ao seu murmurio adormece.

Entre a folhagem densa acastellado,
Horizonte que basta aos olhos meus,
Alli vou encontrar, d'alli sósinho
Contemplo o valle, e o rio, e o bosque, e os céos.

Vi muito, muito amei, muito hei sentido;
Do Lethes quero a paz provar em vida:
Lindas margens, trazei-me o esquecimento;
'Nelle a minha ventura está contida.

Repousa o peito meu, socega o espirito;
Os ruidos do mundo aqui fenecem,
Como os sons que aos ouvidos traz o vento,
Qu'incertos na distancia se enfraquecem.

Entre nuvens d'aqui contemplo a vida
Na sombra esvaecer-se do passado,
Sómente o amor ficou, qual forte imagem,
Que fica após um sonho ao despertado.

Descancemos, minh'alma, 'neste asylo,
Como o viandante, que d'esp'ranças arde,
Se assenta antes d'entrar na terra amada
A respirar os balsamos da tarde.

Dos nossos pés tambem o pó se limpe,
Aqui dos homens não se cruza a estrada;
Auras que a patria eterna nos revelam,
Respiremos ao cabo da jornada.

Sombrios, curtos, quaes do outomno os dias,
Os teus se vão tornar em sombra escura;
Só, sem amigos, que de ti se dôam,
Vais teus passos guiando á sepultura.

Sómente a natureza te abre os seios,
Te off'rece doce allivio ás agonias;
Tudo é mudavel, ella é sempre a mesma,
E espalha o mesmo sol sôbre os teus dias.

De luz e sombras ella te rodeia;
Não lamentes os bens que has perdido;
Adora o echo que adorou Pythagoras,
Em celeste harmonia imbebecido.

Segue o dia no céo, na terra as sombras,
Co'a tempestade pelos ares voa;
Do sereno luar c'os brandos raios
Por entre os bosques placido te escoa.

Creou Deus o pensar para adoral-o,
Eil-o nas obras suas revelado,
Ao espirito uma voz bem forte grita;
Em que peito essa voz não ha soado?

O LAGO

Da vida sôbre o mar, em noite infinda,
Novas praias buscando sem parar.
Não poderemos nós, um dia ao menos,
O baixel ancorar?

Ó lago! um anno apenas tem passado,
E 'nestes sitios que ella tanto amou,
Vês-me hoje aqui, sósinho, 'nesta pedra,
Onde então se assentou!

Tambem assim mugias contra as rochas,
Cançado de soffrer áspero revés;
E vinha o vento assim trazer-lhe a espuma
Aos seus mimosos pés.

Lembra-te a noite, em que vogámos juntos,
'Num barquinho, em silencio, ao luar?
Por céos, por agua, apenas se sentia
O barqueiro a remar.

De repente uma voz melodiosa
Destas margens os echos despertou:
Tudo se poz á escuta; e a voz querida
Esta endeixa entoou:

—«Detém teu vôo, ó tempo; horas d'enlêvo,
Na carreira afrouxae;
D'este dia sem par, d'estas delicias,
Os gosos demorae.

«Para os mil desditosos que t'imploram
Corre, ó tempo, veloz;
Leva comtigo as ancias que os devoram;
Não te lembres de nós.

«Mas um instante mais debalde imploro,
Nada posso alcançar:
Se digo á nóite — espera —, vem a aurora
A noite afugentar!

«Amemos pois, amemos, que no mundo
Veloz foge o prazer;
Não tem praias o tempo, nem os homens
Um porto que escolher.—»

Tempo avaro, os momentos que nos verte
Em aurea taça o casto e puro amor,
Tem de sumir-se assim, fugir ligeiros,
Como os da angustia e dor?

Nem ao menos poder fixar-lhe o rasto!
Idos de todo, sem voltar jámais!
Esse tempo que os deu, e que hoje os rouba,
É surdo aos nossos ais!

Insondaveis abysmos da existencia,
Dos dias que engulís, o que fazeis?
Os extasis sublimes que roubastes,
Acaso nos trareis?

Lago, bosques sombrios, rochas, grutas!
Vós ao menos, na larga duração,
D'esta noite guardae, amenos sitios,
Doce recordação.

Ou t'espraies, ó lago, socegado,
Ou revôlto te agite o vendaval,
Nos teus pinhaes, nas rochas penduradas,
No teu verde tendal:

Ou na brisa que passa, ou nos murmurios,
Que as tuas margens repetindo vão,
Ou na lua que espelha em tuas aguas
Seu argenteo clarão;

Aura gemente a cana suspirosa,
Os perfumes ligeiros do teu ar,
O que respira e sente, diga tudo:
— Foi sua vida amar. —

Oh! cala-me na lyra esses lamentos;
Os fracos se lastimem: tu, Filinto,
Rei sem throno, surri para a desgraça
Com generoso orgulho.

Nem ferros de tyrannos, nem o exilio
Poderão algemar a tua gloria
'Nestas margens do Sena: inda Lisboa
Reclamará teus ossos.

Ao receber da herança, ha de chorar-te;
Assim chorou Athenas seus proscriptos:
Coriolano expirou; de Roma os filhos
Seu nome revindicam.

Quasi a descer para a mansão dos mortos,
Ergue supplices mãos aos céos Ovidio;
Ao Sarmata grosseiro as cinzas lega,
Sua gloria aos Romanos.

A ORAÇÃO

Do carro triumphal o rei dos astros
Já desce vagaroso, a reclinar-se
No seu leito, brilhante; — ainda a nuvem,
Que o esconde radiosa aos olhos nossos,
Em fitas d'oiro lhe assignala o trilho,
E de purpurea luz os céos inunda.
Qual, suspensa do azul, lampada d'oiro,
A lua se balança no horizonte;
Seus froixos raios pela relva dormem,
E já da noite os véos das serras cáem.
Eis a hora em que incerta a natureza,
Entre a noite que desce, e a luz que foge,
S'eleva ao Creador da luz e noite,
E parece offertar-lhe embebecida
Da creação a pompa em homenagem.

Nest'hora, tão solemne, se completa
O sacrificio immenso universal!
É o mundo o seu templo, o altar a terra;

Tem por cupula os céos, e por tocheiras
Esses astros immensos, que, dispersos
Pela azulada esphera, dão realce
Com a pallida luz ás magas sombras.
Essas nuvens ligeiras, roxeadas
Pelos raios da tarde, e que percorrem,
Ao sôpro de uma brisa, aereos plainos,
Do poente subindo até á aurora
Com seus flocos de purpura ennovelados,
São as ondas d'incenso, que perfumam
O throno do Senhor, que adoram mundos.

Mas este templo é mudo! não s'escuta
Ao Sob'rano dos céos concêrto ou hymno!
Só o meu coração, só elle falla!
'Neste silencio inteiro, só eu posso
Com minha intelligencia prestar vozes
D'este universo ás maravilhas mudas!
Sôbre os raios da tarde e sôbre as brisas,
Ella, como um perfume, a Deus s'eleva:
E, dando falla a toda a naturesa,
Empresta-lhe a minh'alma p'ra adoral-o.
Só, em sua presença, terno o invoco,
E com seu alto nome encho o deserto.
E aquelle que, da gloria lá no seio,
Das espheras que rege, ouve a harmonia,
Não desdenha escutar a voz humilde
D'esta minha razão, á qual foi dado
Seu nome conhecer, louvar-lhe a gloria.

Principio e fim do mundo, e de ti mesmo,
Que só de um teu olhar fecundas tudo,
Ó Ser dos seres, creador e pae,
Salve! Deus, infinito, omnipotente!
'Nestes diversos nomes eu te adoro!
Tua palavra ouvir não precisára
Para em ti crer, Senhor: nos céos eu leio
Um glorioso symbolo; revelam,
Tua grandesa o espaço, a terra inteira
Tua bondade, teu 'splendor os astros!
Da creação no brilho manifesta,
O universo reflecte a imagem tua,
Qual reflecte minh'alma este universo.
Do pensar nos diversos attributos
Elle te encontra sempre, e te descobre;
E revendo-se em si, te vê e adora;
No mar assim reflecte o sol brilhante,
E de lá nos meus olhos vem pintar-se.

Não basta crer em ti, ó Ser supremo,
A ti aspiro, a ti só busco e adoro:
É de amor e de luz minh'alma um raio,
Que, do foco divino desprendido,
Em fraguas de saudade se consome,
Ardendo por voar á origem sua!
Em ti respiro e penso, a ti só amo!
O mundo, que t'esconde, é transparente
Para mim, que te vejo e te descubro,
E te bemdigo em tudo o que has creado.

O deserto busquei, p'ra que pudesse
Mais perto estar de ti; e quando a aurora,
Nos ares agitando as roseas tranças,
Derrama branda luz nos horizontes,
E os montes de rubins vai semeando,
Descubro o teu olhar, que lá dos céos
Ao mundo desce, e que de luz o inunda;
Quando no seu zenith o sol suspenso
Me cérca de calôr, de luz e vida,
Nos raios que avigoram meus sentidos,
Teu sôpro e teu confôrto, ó Deus, eu sinto;
Quando a noite guiando o seu cortejo
De pallidas estrellas, vai cobrindo
Com véo sombrio a terra adormecida,
D'escuridão cercado, e só no ermo,
Da noite meditando a majestade,
Em socêgo involvido, e no silencio,
Tua presença de mais perto adoro;
D'interna luz minh'alma alumiada
Ouve uma voz, que brada: «Em Deus espera»

Sim, eu espero em ti, Deus de bondade!
Derramando ás mãos cheias a existencia,
Não has de limitar a minha vida
Aos turvos, poucos, dias cá da terra.
Creador, tu produzes e conservas;
Desdenha destruir, quem crear póde.
Teu immenso poder, tua bondade,
Me affiançam um dia mais ditoso,

Dia sem noite na immortal morada.
De negra sombra em vão me cérca a morte;
Por entre escuras trevas vejo o dia.
A morte é o degrau, que só me resta
Subir p'ra a ti chegar; o véo, que falta
Só rasgar entre mim e a face tua.
Breve chegue o momento, que eu imploro.
Mas se te apraz, Senhor, retel-o ainda,
Das minhas precisões attende ao grito:
Tu, que nos teus cuidados não distingues,
Entre os mundos e o verme, ó Deus, soccorre,
Bondoso, com teus dons, minha indigencia;
Dá-me o pão cada dia, e dá-me a esp'rança;
Aquece com um raio dos teus olhos
Esta alma entre os sentidos eclipsada;
Como as gotas do orvalho o sol aspira,
Absorve em ti, Senhor, meus pensamentos.

INVOCAÇÃO

Tu que do mundo na deserta plaga,
Meiga me appareceste,
Filha do céo, na terra peregrina;
Tu que brilhar fizeste
Na minha noite escura
Doce raio de amor, e luz celeste:

Descobre-te a meus olhos deslumbrados,
Diz-me d'onde és, teu nome, e teu destino:
A terra deu-te o berço,
Ou és sôpro divino?

Vais de novo intranhar-te em luz eterna?
Ou, 'neste exilio triste e luctuoso,
Misera, tens por fado
Percorrer teu caminho tão penoso?
Seja qual for teu nome, e a patria tua,
Filha da terra, ou anjo do Senhor,
Deixa, que te consagre toda a vida
Meu culto e meu amor.

Se tens de aqui findar tua carreira,
Sê meu guia na terra; a quem te adora,
Consente o pó beijar dos passos teus;
Mas se, ave passageira,
Vais o teu vôo erguer, e além do espaço
Pairar, irmã dos anjos, juncto a Deus,
Tu que na terra o teu amor me déste,
Oh! de mim não te esqueças lá nos céos!

O CHRISTÃO MORIBUNDO

Que escuto! em tôrno a mim resôa o bronze!
Piedosa multidão me cérca em prantos!
Por quem são estes psalmos, estas tochas?
Ó morte, é tua voz que vem bradar-me
A derradeira vez? Sou eu que accórdo
Sôbre as bordas da campa?

Ó tu, emanação da luz divina,
Que 'neste fragil corpo arder vieste,
Despe o temor, a morte vem livrar-te;
Sólta o vôo, ó minh'alma, os ferros quebra:
Depôr em fim o pêso das miserias
Por ventura é morrer?

Deixou o tempo de contar-me as horas:
Onde me conduzís? dizei-me, ó anjos,
Que palacios são estes tão formosos?
Já por ondas de luz sinto embrenhar-me;
O espaço se dilata, a terra foge
Debaixo de meus pés!

Mas, ah! quando minh'alma se liberta,
Ouço ainda suspiros e soluços?
Minha morte chorais, socios do exilio?
Não choreis: a minh'alma, em taça d'anjos
Olvidou seus pezares, e descança
Em fim no porto eterno!

O OUTOMNO

Salve, despidas mattas! folhas pallidas
Dispersas pelo chão! tu, sem fulgor,
Salve, ó sol! da natureza o lucto
Apraz-me á vista, e diz co'a minha dôr.

Pensativo demando o atalho occulto;
Desejo, quero ver, mais uma vez,
Do sol a frouxa luz, que mal e a custo,
Do bosque a escuridão rompe a meus pés.

No outomno é mais tocante a natureza,
Involta em triste véo, quasi a expirar;
É o surriso extremo, o adeus do amigo,
Quando a morte seus labios vem cerrar.

Choro, ao deixar da vida os horizontes,
As venturas fallazes, que eu sonhei;
E ao passado volvendo, com inveja
Triste contemplo os bens, que não gozei.

Valles, collinas, sol, natura explendida,
Uma sentida lagrima acceitae:
Os perfumes, a brisa, a luz brilhante,
Fazem saudade a quem da vida sáe.

Beber quizera agora até ás fezes
Este calix de nectar e de fel;
Talvez, da vida despejando a taça,
No fundo iria achar gôtas de mel.

O futuro talvez trouxesse ditas,
Em trôco das esp'ranças que eu perdi;
Talvez um peito, que hoje desconheço,
Accorde me quizesse unido a si.

Cáe a flor;—seus perfumes larga ás brisas,
E ao sol, e á vida 'num saudoso adeus:
Eu morro; — como um som suave e triste,
Minh'alma vai soltar-se para os céos.

BONAPARTE

'Num recife, onde as vagas vêm partir-se,
De longe o nauta vê surdir da praia,
Como arrôjo das ondas, uma campa;
Inda a pezar do tempo a pedra alveja,
E entre os tufos das heras e das silvas
Vê-se... um sceptro quebrado.

Aqui jaz... falta o nome! a terra o diga.
O seu nome? com sangue acha-se escripto
Desde o Tanais ao cume do Cedár,
E em pedra, e em bronze, e em peitos de valentes,
E até no coração d'esses escravos,
Que o carro seu trilhava.

Após esses dois nomes, que apregôa
Um sec'lo a outro sec'lo, em lingua d'homens,
Um nome nunca assim troou tão longe;
Nunca o pé de um mortal, que um sôpro apaga,
Assim tão forte se imprimiu na terra:
E agora... eil-o immovel!

Tres passos infantis medem-lhe a lousa!
Sua sombra não sólta um só murmurio;
D'inimigos o pé lhe piza a campa;
Os moscardos lhe zunem sôbre a fronte;
Seus manes o fragor sómente escutam
Da monotona vaga.

Mas não temas, ó sombra ainda inquieta,
Que eu ultrajar-te venha em teu repouso!
Nunca a lyra insultou mudez das campas:
Da gloria sempre foi asylo a morte;
Nada perseguir devé a tua fama;
Nada... só a verdade.

No feretro e no berço involto em nuvens,
Como o raio, surgiste das tormentas;
Sem nome, e joven, assombraste o mundo;
Como o Nilo, onde Memphis se retrata,
Sem um nome tambem referve em ondas
De Memnon nos desertos.

Dos thronos e do altar sôbre as ruinas
Remontado nas azas da victoria,
Rei te ostentas de um povo regicida!
E o sec'lo, que tão fundo arrebatava
Os reis e os deuses, refluindo á origem,
Recuou ante os teus passos.

Tu, sem contal-os, combateste os erros!

Lutaste, outro Jacob, contra uma sombra,
E esmagaste o phantasma com teu pêso:
Profanador sublime, tu brincavas
Com tudo o que era grande, como um impio
C'os vasos sacrosanctos.

D'impotente delirio 'num accesso,
Um sec'lo envelhecido se rasgava,
Bradando d'entre os ferros — liberdade —;
De repente do pó surge um heroe,
Bate c'o sceptro... accorda-o, e eis o sonho
Desfeito ante a verdade!

Oh! se fôsses então nas mãos legítimas
Esse sceptro depôr, que lhes roubarum,
E o diadema sem mancha aos reis cingisses:
Ó campeador dos reis, maior do que elles,
Que divinos perfumes, que aureas c'roas
Te sagraria a gloria!

Magicas vozes d'honra e liberdade
Para ti eram como os sons do bronze,
Que vão sem tino retumbar nos echos;
Surdos a taes palavras teus ouvidos
Só intendiam o brandir de espadas,
E o clangor das trombetas:

Desprezador de quanto o mundo admira,
Tu só do mundo o imperio cubiçavas;

Um pouco resistir-te era ultrajar-te;
Teus desejos voavam como o tiro,
Que vai bater no alvo, que mirára
Mesmo através de amigos.

As taças dos festins nunca puderam
Desenrugar-te a face melancholica;
Outras, heroe, te embriagavam purpuras;
Como um soldado alerta sob as armas,
Tu vias da belleza o rir e o pranto,
Sem risos, sem suspiros!

O trom do bronze, a grita das batalhas,
D'armas o lampejar, eis teus prazeres;
Sómente o teu corcel tu afagavas,
Quando as clinas, ao vento desatadas,
Sulcavam ondulando o pó sanguineo,
E os pés calcavam ferro.

Sob a tua armadura não batiam
Fibras do coração, como aos mais homens;
Sem odio e sem amor, tu só pensavas;
Como a aguia reinando em céo deserto,
Para a terra medir só a encaravas,
Para a abraçar co'as garras.

. . . . . .
. . . . . .
Subir de um salto ao carro da victoria;

*

Glorioso deslumbrar o mundo inteiro;
Calcar c'o mesmo pé reis e tribunos;
Em odio e em amor temp'rar um jugo;
E de novo enfrear co'a mão valente
Povo solto e sem leis:

Ser de uma geração o pensamento,
Embotar os punhaes, calcar a inveja,
Abalar, e depois suster a terra;
Aos sinistros clarões do raio em braza,
Contra os deuses jogar do mundo a sorte:
Que sonho!!! e eis teu destino!

. . . . . .
. . . . . .

Mas de tão alto alfim te despenhaste;
Remessou-te a tormenta a estas rochas;
Viste inimigos a rasgar teu manto;
E a sorte, unico deus em que audaz crêste,
Por último favor deu-te este espaço
Entre o throno e o tumulo.

Quem me dera sondar teus pensamentos,
Quando as recordações do teu passado
Vinham, como um remorso, aqui pungir-te,
E, c'os braços cruzados no amplo peito,
Horror, como o das trevas, sôbre a fronte
Já calva, te pousava!

Como um pastor em pé na erguida rocha
Vê n'agua a sua sombra projectar-se,
E do rio ondular co'as vagas doidas,
Assim do teu poder no ermo cume,
Na sombra do passado a ti buscando,
Teus dias recordavas:

E a teus olhos passavam, como as ondas
Sublimes, que no mar ao longe esplendem,
Scintillantes, como ellas, t'encantavam.
De um reflexo de gloria allumiando-te,
Um brilho successivo te mandavam,
Que os olhos teus prendia.

Na ponte a desabar o raio affrontas,
Lá do sancto deserto o pó levantas,
Teu corcel do Jordão nas margens brinca,
Uma serra escarpada além derrocas,
Além a rija espada em sceptro mudas;
Aqui... mas estremeces?

Por que os olhos desvias aterrado?
Por que em teu rosto a pallidez assoma?
Que visão do passado assim te anceia?
São cidades talvez ardendo em fogo,
Ou é de humano sangue um mar spumoso?
Mas tudo a gloria apaga!

A gloria apaga tudo, excepto o crime.

Mas seu dedo um cadaver me apontava,
Um mancebo, um heróe nadando em sangue;
E essa onda, que o trazia, vingadora,
Passava e repassava remessando
O nome de Condé.

Em, vão para extinguir a mancha livida,
Rapida a mão passava pela frente:
Logo a nódoa de sangue renascia,
E como se a sellasse mão suprema,
A indelevel gotta o coroava
Como aureola do crime.

Esta mancha na gloria ha de, ó tyranno,
O cognome d'heroe talvez roubar-te,
E sanguenta seguir sempre o teu carro;
E o teu nome, á mercê de eternas vagas,
Irá de sec'lo em sec'lo, baloiçado
Entre o de Mario e Cesar.

. . . . . .
. . . . . .

Tu da morte vulgar por fim morreste;
Como um seareiro em busca do salario,
Que sôbre a foice dorme antes de pago,
Co'a armadura em silencio te cingiste,
E foste demandar premio ou justiça
Ao Deus que te enviára.

Diz-se que ao terminar sua agonia,
Da eternidade ás raias já chegado,
Seus olhos para o céo alfim erguêra:
O signal redemptor tocou-lhe a fronte,
E até um nome aos labios lhe acudiu,
Que acabar não ousava.

Oh! acaba... é do Deus que reina e c'roa:
É do Deus do perdão, do Deus que pune,
Que a nós e que aos heroes diverso julga.
Falla-lhe, que elle só te comprehende.
Tyranno e escravo tem que dar-lhe contas,
Ou do sceptro ou dos ferros.

Cerrou-se a campa.... Deus julgou. Silencio!
Seu crime e altos feitos na balança
Já pezam — não lhe toque a mão dos homens!
Tua clemencia, ó Deus, sondar quem póde?
Flagellos do Senhor, talvez que o genio
Vos valha por virtudes!

AS ESTRELLAS

Ha no dia uma hora, augusta e sancta,
Que mais chama a pensar...: é quando alonga
Saudoso, pelas serras, o crepusculo
A frouxa e escassa luz, que ao sol roubára.
Vê-se o dubio clarão pelo horizonte,
Como as franjas de veste que se arrasta,
Vagaroso varrer o firmamento,
Onde os astros no azul fulgem de novo.
Essas ilhas de luz, rubins accesos,
Qu'incertas vistas por instincto buscam,
Aos milhares então do escuro brotam,
Qual poeira d'oiro, que levanta a noite,
E que o vento da tarde pelo espaço
Voando segue e aos turbilhões semeia.
A vista deslumbrada os busca e os perde;
Uns parecem pairar sôbre as florestas,
Como as aves do céo batendo as azas,
D'ellas sacodem luminosos raios;
Outros 'spraiam-se em ondas argentinas,
Quaes as rochas batidas d'alva espuma;

— Como um corcel fogoso na carreira
Estes soltam ao vento as longas tranças;
Aquelles, debruçados do horizonte,
Olhos parecem sôbre a terra abertos;
Além, no extremo céo, alvas estrellas
Vogam na azul campina, como as vellas,
Que da longinqua praia ao porto voltam,
E aos raios da manhã no occeano alvejam.

D'estes astros de luz, primor sublime,
Só Deus sabe a distancia, a conta, a edade;
Vemos uns já de velhos desmaiados,
Nas estradas dos céos outros perdidos;
Como a flor, que desponta airosa e linda,
Fronte mimosa e fresca alguns alteiam,
E de um frouxo clarão tingindo o oriente,
São d'olhos que os descobrem mago enlêvo;
E ao vêl-os novos a correr no espaço,
Em júbilo os mortaes põe-lhes um nome.
¿Que mortal póde haver, que algum não fixe,
E o nome, que mais ama, lhe não sagre?
Eu, eu mesmo;..... um existe solitario,
Meu só confôrto em noites de amargura,
Cujo brilho, entre as sombras do mysterio,
Um ser me aviva que fulgiu na terra.
Talvez... ah! possa elle, nos céos ao menos,
Esse nome guardar que amor lhe déra!
Mas corre a noite, no profundo abysmo
Lá vão milhões de mundos, gravitando,

Ao seu destino occulto; e nós com elles
Para um porto ignorado imos singrando.
Sente-se a terra á noite, muitas vezes,
Vogar como um navio ao sôpro d'auras;
Vêem-se os montes, cobertos d'alva espuma,
Na ruidosa carreira abrir as ondas:
'Nesse azul, onde o globo se acalenta,
Ouvem-se os aquilões bater-lhe a prêa,
O vento sibilar por entre os mastros,
E o costado a gemer ao duro embate.
No entante, com prazer, sôbre este abysmo,
Fiados no piloto os homens vogam!
Ó soes! ó mundos, que vogais comnosco,
A que porto celeste Deus vos guia?
D'esta velós carreira qual o termo?
Em luctuosa praia acaso iremos,
Embatendo de noite em vasto escôlho,
O espaço encher de naufragos despojos,
Ou, em brilhantes margens ancorando,
Iremos arribar, adormecidos,
'Num dos golfos do céo, mansão eterna?

Vós, que nadais mais perto do alto empyreo,
Mundos luzentes, o sabeis por certo!
Esse mais puro oceano, céos mais limpos,
Deixam a vós chegar clarões mais vivos;
Sabeis mais do que nós, sois mais brilhantes;
A luz é da verdade o typo, a imagem!
Sim: se eu creio no brilho que despedem

Vossos orbes aos bosques argentados;
Se o vejo, deslizando sôbre as vagas,
De repente amansar o mar em furia;
Se eu creio 'nesses raios tão suaves,
Qu'inspiram a virtude, o amor, as preces,
E que aos olhos, que soffrem seu influxo,
Sentidas, doces lagrimas attrahem;
Se eu creio nos instinctos, nos presagios,
Com que a vós se dirigem ais de amantes,
Suspiros virginaes, saudades d'orphãos,
E da aguia e do poeta ardentes vôos:
Edens! tendas do céo! palacios d'oiro!
Sois a mansão da paz, e da innocencia!
No silencio da noite o vosso influxo,
Da distancia apezar, a nós s'estende!
Doces fructos do céo, amor, verdade,
Que a terra já provou, que anhela ainda,
'Nesses climas da luz, invejas nossas,
São de seus filhos o sustento eterno;
E inda o homem talvez alli encontre,
Tornado ao seu destino, o que ha perdido.
Quantas vezes sósinho, n'alta serra,
Onde a alma livre adeja mais sublime,
Em extasis de amor disse ás estrellas:
Por que um de vós não sou, astros formosos?
Eu, eu por que não posso, desprendido
D'este lodo da terra, abalançar-me
Té ao atrio celeste, e lá prostrado
Desabrochar em luz de Deus á vista?

Ou ser na fronte da belleza eterna
Um pallido florão do seu diadema?
'Nesse mar de crystal então boiando,
Eu viria, alta noite, juncto á terra,
Sôbre os montes que amei brilhar sósinho;
Folgára d'embrenhar-me nas ramadas,
Dormir nos prados, scintillar nas aguas,
E, qual furtivo olhar nos véos do pejo,
Nos véos transparecer da branca nuvem.
Os homens visitára; e onde eu achasse
Um rosto pensativo, uma alma em lucto,
Um peito oppresso de uma dor sublime,
Só com Deus entretido em seus pezares;
Um triste á luz furtando as suas maguas,
Que á noite só desata o amargo pranto;
Um ardente pensar, um genio inquieto,
Nos campos do infinito desvairado:
Dos males, que eu conheço, condoído
Propicio mandaria um dos meus raios,
Como singella, amante confidencia,
Levar-lhe da amizade o dôce balsamo.
A minha amiga luz gostosa iria
Dormir no peito seu, surrir-lhe aos olhos:
Na linguagem do céo uma palavra
Revelára-lhe então d'almo consôlo;
Seus prantos seccaria; e quando a aurora
O brilho do meu disco amortecesse,
Meu raio, dos seus olhos escapado,
Lhes deixaria ainda os vagos sonhos,

E a paz e a esp'rança; e de gemer cançados,
Dormiriam por fim alguns momentos.

E vós, irmãs! estrellas! socias minhas,
Que o azul esmaltais do firmamento,
Vós que ao compasso das celestes lyras,
Atais e desatais brilhantes córos:
'Nessa etherea cadeia dae-me entrada,
Quero o instincto seguir que vos arrasta;
Por vós guiado profundará a vista
'Nesse abysmo de luz, que me desvaira.
Comvosco entoaría ardentes hymnos
Ao ser que anhelo, que gosais por certo;
Quizera em fim, em luz immerso o peito
'Nelle sentir.... o que sentís ditosas!

O RAMO DE AMENDOEIRA

Branca flor da amendoeira,
Symbolo da formosura,
Como tu, a flor da vida
Florece e cai prematura.

Quer das mãos d'amor colhida,
Quer 'numa trança enleada,
Como os prazeres que fogem,
Eis-te em breve desfolhada!

Antes que vôem delicias,
Ao zephyro as disputemos;
Antes que fujam aromas,
Nos calices os libemos.

A belleza fugitiva
Pode á flor ser comparada,
Que antes das horas do baile
Cai das tranças já murchada.

Vai-se um dia, eis outro surge,
E a primavera a passar,
Cada flor, que o vento leva,
Diz-nos: cuidae em gozar.

Já que têm de perecer,
De perecer sem tornar,
Ao menos do amor nos labios
Possam as rosas murchar.

ELEGIA

Colham-se as rosas na manhã da vida;
Ao menos no fugir da primavera
Das flores os perfumes se respirem;
O peito se franqueie aos castos gosos,
Amemos sem medida, ó chara amante!

Quando o nauta no meio da tormenta
Vê o fragil baixel quasi a affundir-se,
Ás praias que deixou dirige as vistas,
E, tarde, chora a paz que alli gosava.
Ah! quanto dera por volver o triste
Aos amigos d'aldeia, ao lar paterno,
E de novo passar, juncto ao que adora,
Dias talvez sem gloria, mas tranquillos!

Assim um velho, curvo ao pêso d'annos,
Da mocidade em vão os tempos chora,
Diz: «volvei-me essas horas profanadas,
De que eu, ó céos, não soube aproveitar-me.»
Só lhe responde a morte; os céos são surdos,
Inflexiveis o arrojam ao sepulchro,

Não consentindo, que se abaixe ao menos
A apanhar essas flores desprezadas.

Amemos, vida minha!
E riâmos do afan que os homens levam
Atraz d'um fumo vão, que lhes consome
Metade da existencia, esperdiçada
Em sonhos e chimeras.

Não invejemos seu orgulho esteril;
Deixemos á ambição os seus castellos;
Mas nós, da hora incertos,
Tractemos d'esgotar da vida a taça,
Em quanto as mãos a empunham.

Quer os louros nos cinjam,
E nos fastos sanguentos de Bellona
Nosso nome s'inscreva em bronze e marmore;
Quer da singella flor, que as bellas colhem,
Se entrance a humilde c'roa;
Vamos todos saltar na mesma praia.
¿De que val no momento do naufragio
Em pomposo galeão ter navegado,
Ou 'num batel ligeiro,
Solitario viageiro,
Ter só juncto das margens bordejado?

O POETA MORIBUNDO

Do meu curto viver quebrou-se a taça!
Foge-me a vida no arquejar do peito;
Nem ais nem pranto podem já sustal-a;
Co'a ponta d'aza a morte sôbre o bronze
Bateu descompassada a hora extrema!
Gemer ou cantar devo?

Cantemos, pois que ainda empunho a lyra:
Cantemos, pois que a morte, como ao cysne,
Da vida ao despedir me sopra o estro.
É presagio feliz que eu devo ao genio;
Noss'alma toda amor, toda harmonia,
Em hymnos se desate!

Quebra-se a lyra em hymnos melodiosos;
Quando vai a apagar-se, a luz rebrilha,
Lança antes de expirar clarão fulgente;
O cysne fita o céo na hora extrema:
Homem, só tu contemplas o passado,
Choras, contas teus dias!

Nossos dias que são para chorar-se?

Um sol, depois um sol; uma hora e outra;
A que vem, sempre irmã da que ha fugido;
Se uma ditas nos traz, logo outra as rouba;
Afans, repouso, e dôr; d'involta um sonho,
O dia, e logo a noite!

Quem vê fugir-lhe a esp'rança a cada instante,
E ás ruinas dos annos, como as heras,
Fincando as mãos s'enleia: esse que chore!
Sem ter lançado uma raiz na terra,
Eu vou sem custo, qual ligeira folha,
Nas azas de uma brisa.

Os poetas são aves de passagem,
Que não amassam sôbre a praia os ninhos,
Que não pousam nos ramos do arvoredo:
Preguiçosos boiando á flor das aguas,
Cantam longe da praia, e só lhes ouve
O mundo a voz sonora.

Minhas mãos inexpertas sôbre a lyra
Tentearam sem mestre os sons divinos;
Inspirações celestes não se aprendem,
Não aprende o regato a deslizar-se,
As aguias a pairar, a doce abelha
A fabricar seus favos.

Sôa da erguida torre o som do bronze,
Ora triste, ora alegre, celebrando

Nascimento, hymeneo, e a morte ao cabo;
Eu era como o bronze bem temp'rado,
Tambem cada paixão vibrando n'alma
Soltava uma harmonia.

Assim durante a noite uma harpa eólia
Casa ao ruído d'agua os seus queixumes,
De um zephyro estremece ao sôpro brando;
Attonito o viandante pára e escuta,
Não sabe extasiado d'onde partem
Suspiros tão sentidos.

Minha harpa muita vez molhei de lagrimas:
Mas é o pranto, qual celeste orvalho;
Tambem o coração tem dias tristes;
Nas taças do festim corre expremido
Do cacho o sumo; o balsamo perfuma
Depois de aos pés calcado.

Deus minh'alma formou de um sôpro ardente;
Tudo o que ella tocava, ardia em braza:
Por isso muito amei, por isso morro!
E tudo ao sôpro meu desfez-se em cinzas,
Como o fogo do céo consome inteira
A çarça onde ha caído.

Mas o tempo? sumiu-se. Mas a gloria?
Ah! o qu'importa esse echo vão dos sec'los,
Scarneo talvez das gerações futuras?

Ó vós, que lhe fadais porvir eterno,
Ouvi-me um som da lyra, e vêde os ventos
Como em breve o dissipam!

Oh! dae á morte mais segura esp'rança;
Debil recordação de um som perdido,
Dos tumulos persiste acaso em tôrno?
'Num ai do moribundo existe a gloria?
Mortaes, que prometteis eterna fama,
Dizei: tendes dois dias?

Os céos attesto: — desde que eu respiro,
Meus labios sem surrir nunca soltaram
Nome, que os homens 'num delirio exaltam:
Cada vez mais vazio, como a casca
Sêcca, que em vão sugâmos, sempre o tenho
Dos labios expellido.

Os homens á corrente que os arrasta,
'Num delirio de gloria embebecidos,
Fiam um nome, que de dia em dia,
O tempo em suas ondas enfraquece.
Um sec'lo o vê brilhar, um sec'lo o lança
Ao mar do esquecimento.

Se a esse mar sem praia um nome arrójo,
Que boie, ou que se afunde, que m'importa?
Póde esse nome acaso engrandecer-me?
Cysne, que para o céo remonta o vôo,

Se das azas a sombra inda fluctua
Na terra, acaso indaga?

Mas teus cantos? Pergunta á philomela,
Por que á noite seus quebros se misturam
D'entre as ramadas c'o murmurio d'agua:
Cantava como canta a avesinha,
Como o homem respira, as auras gemem,
Como a fonte murmura.

Amar, rezar, cantar, eis minha vida.
De tudo o que os mortaes na terra anceiam,
Nada 'nesta hora extrema a custo deixo;
Nada, além dos suspiros para o céo,
Dos extasis da lyra, e do silencio
Expressivo do amor.

Sentir aos pés da amante as cordas d'oiro
Na lyra estremecer, e os sons harmonicos
Levar-lhe ao coração doce delirio;
Ver-lhe o pranto correr das faces lindas,
Qual do calix da flor trasborda em perolas
D'aurora o brando orvalho:

Ver de uma virgem meiga o olhar modesto
Triste fitar-se na celeste abobada,
Como quem quer seguir os sons que fogem,
Depois fitar-se em ti em casta chamma,
E baixar-se, e brilhar, como de noite
Um facho que tremúla:

Ver-lhe adejar no rosto o pensamento,
A palavra faltar-lhe aos labios tremulos,
E após silencio longo, em fim ouvir-lhe
Essa palavra que nos céos retine,
Que o anjo e o seraphim repete: —eu te amo! —
Eis só por que eu suspiro.

Um suspiro! um pezar! palavras futeis!
Eu nas azas da morte aos céos me elevo;
Eu vou onde os instinctos me chamavam;
Onde se vê brilhar a voz da esp'rança;
Eu vou atraz dos sons da minha lyra,
Atraz dos meus suspiros!

Como essa ave que vê por entre o escuro,
Com os olhos da fé rasguei as sombras,
E vi o meu destino revelar-se.
Quantas vezes minh'alma, remontada
Sôbre as azas de fogo, entrou nos céos
Anticipando a morte?

Oh! não graveis meu nome sôbre a campa;
Nem com ella opprimais a minha sombra;
Um punhado de areia é quanto basta;
Deixae-me apenas um recinto estreito,
Onde algum peregrino desgraçado
Possa orar de joelhos.

Nas sombras, no silencio, ao pé das loisas,

Erguem-se ás vezes preces fervorosas;
Da morte na mansão surrí a esp'rança;
Um pé na campa sólta-nos da terra;
O horizonte é mais vasto, e mais ligeira
Noss'alma voa aos céos.

Quebre-se, dê-se ao vento, ao mar, ás chammas,
Lyra que um som não teve, que afinasse
Accorde co'a minh'alma; que os meus dedos
Irão vibrar bem cedo n'harpa d'anjos
Hosannas immortaes, a cujo accento
Talvez os céos enleve...

Talvez:.. porém da morte a mão pesada
Sôbre a lyra passou; a corda estala,
E soltou um gemido extremo aos ares!
Calou-se a minha lyra... Agora as vossas,
Amigos empunhae: — passe a minh'alma
Involta em harmonias!

UMA NOITE EM ROMA

Qual dos Elysios o clarão sereno,
Do Colyseo nos dentelados muros,
Deixa o astro da noite em paz quieta
Frouxos dormir seus placidos reflexos:
Raios, que os vastos pannos lhe branqueiam,
Das heras escoando-se entre os tufos,
Desenham dentro luminoso espaço;
Dissereis ser de um povo inteiro a campa,
Onde a memoria, á noite do passado,
Errante veio em busca de uma sombra!

Das cupulas por cima inda elevado,
Quasi a topar nos céos, o monumento
D'aqui os olhos incitar parece!
Em seu dedalo a vista desvairada,
De portal em portal, de 'scada em 'scada,
Corre serpeando o lugubre deserto;
Fugindo sóbe, e desce, e volve, e perde-se.

A ruina as arcadas debruçando,
Suspende da parede os negros lanços,

Como do mar no abysmo erguidas rochas;
Ou, lá dos cimos da suberba altura,
Mansa descendo a nivelar-se á terra,
Qual entre flores desce ao valle a encosta,
Vem-nos aos pés morrer por entre a relva.
Nos concavos sombrios, entre as fendas,
Vem raizes lançar aéreos bosques;
Lutando contra o tempo aqui as heras
C'os despojos dos homens s'enriquecem;
Sobem de sec'lo em sec'lo, como o olvido,
Até ás cimas conquistando tudo!
O buxo, o teixo immovel, e o cypreste,
Erguem tremendo os seus funereos ramos:
D'entre as frestas pendendo o goivo humilde,
Prende a raiz doirada ás largas fendas,
E aos ares baloiçando os ramos murchos,
Cresce, como a saudade, entre as ruinas.
Á 'streita frisa o salteador dos ares
Suspende o ninho seu, e em seu repouso
Por meus passos desperto, um som agudo,
Qu'engrossa o echo, pavoroso sólta;
E alçando o vôo, logo desce e paira
Sôbre minha cabeça em ar sinistro.
Dos concavos, das sombras das arcadas,
Surdèm gemidos d'aves agoureiras;
Na sombra abrindo em vão pupilla ardente,
As azas roça o mocho pelos muros;
A pombinha, assustada por meus passos,
De cypreste em cypreste voa e desce,

E nas bordas quebradas de uma urna
Pousa, como alma errante, lastimosa...

Os ventos, sibilando entre as abertas,
Em uivos, em suspiros se desfazem;
Dissereis que dos annos a torrente
Entre as arcadas róla furibunda
Valentes vagas, que de dia em dia
Levam, minam, derrubam, quanto os homens
No meio da corrente edificaram.
As nuvens fluctuando em céo sombrio,
Pelo recinto as sombras vão lançando,
E ora da lua os raios escondendo,
Cobrem d'escuras trevas o momento;
Ora rasgadas por ligeiro sôpro,
Deixam caír na relva uma luz pallida,
Que a espaços allumia, qual corisco
Este fantasma em pé de um sec'lo extincto;
E lhe desenha as mutiladas fórmas,
E os frontões verdes dos quebrados arcos,
Os largos alicerces derrocados,
Suspensos capiteis ameaçadores,
E a cruz eterna, que vencendo a altura,
Sobranceira s'inclina, qual o mastro
Batido pela mão da tempestade.

Oh! qual te vejo, ó Roma! ó mãe dos Cesares!
Eis-me calcando aos pés teus monumentos,
Eis o tempo, mais forte que os teus fastos,

Uma à uma apagando as tuas glorias!
Hão de os homens morrer, e as suas fábricas
Pleitear duração co'a eternidade?
Não, que o tempo, ó ruinas, tudo eguala,
E assim do nosso fado nos consola.
Nest'hora, em que da noite o facho lugubre
Fluctua como um olho do passado,
E pallido allumia os sete oiteiros,
Apraz-me vir scismar sôbre esta campa,
E ver da noite o astro esclarecer
D'este céo, sempre novo, o azul brilhante,
E do Tibre espelhar-se na corrente.
Na minh'harpa, que roça ave nocturna,
Carpidos sons me apraz soltar, ó Roma,
Sôbre os destroços teus, por teus destinos...

OS PRELUDIOS

Das tranças d'ebano espremendo o orvalho,
Suave refrigerio á terra em braza,
A noite silenciosa vem descendo
Dos pincaros da serra, e traz comsigo
As sombras por cortejo e os brandos somnos.
Já foi hora d'encantos!... porém hoje,
Qual fogueira que o vento não aviva,
Minh'alma tenta em vão cobrar alento!
Já triste, e sem vigor, se fina e murcha,
O socêgo lhe peza! Ó lyra, ó genio!
Musica interior, maga harmonia,
Harpas sonoras, que eu ouvia ao longe,
Como um echo a vibrar dos córos d'anjos,
Em quanto é tempo ainda, em quanto pulsa
Este meu coração, vinde afagal-o.
E tu, que prestas fogo á minha lyra,
Meu anjo inspirador, ah! vem tenteia,
Caprichoso, os preludios que mais amas.

Lá vem! lá desce! ouviu-me! eu sinto as cordas
Do alaúde no vôo estremecer-lhe,

E o fremito sonoro
Passar-me o coração, soprar-me o estro!

Por que descem tão queixosas
As aguas que as margens beijam?
Estas cannas ciciosas,
Estas ribeiras saudosas
Que murmuram? que desejam?

Por que suspira escondida
A rolinha no arvoredo,
Quando só, d'aza estendida,
Em beijos ao esposo unida,
Perde a voz, ama em segredo?

E tu, anjo de candura,
Que, de amor embriagada,
Sonhas prazer e ventura,
Por que gemes com tristura,
Em meu peito reclinada?

Mais fresca que a fresca aurora,
Mais limpida que estas aguas,
Linda flor, que o mundo adora:
Não pôde o tempo até'gora
Turbar-te o peito de maguas.

Mas teu coração suspira,
Soffre da dor o quebranto,

Na face o prazer te expira,
Vem o riso e se retira,
Assoma aos olhos o pranto.

Com o prazer avergada
É porque a nossa fraqueza,
Qual canna ao sôpro dobrada,
Mesmo á festiva toada
Dá o accento da tristeza;

Ou, talvez extasiada,
A nossa alma já divisa
Do prazer a breve estrada,
Onde a vida mais fadada
Em suspiros se desliza.

Deixa o zephyro ancioso
Roubar-te do pranto o véo;
Foge o tempo precioso,
Mas no espelho radioso
Reflecte as côres do céo.

Em carreira pressurosa
Tudo corre á sua sorte,
Ao mar a onda queixosa,
Aos ventos a flor mimosa,
Dia á noite, a vida á morte.

Porém, qu'importa, ó querida,

Na viagem destinada
O termo incerto da vida;
Se ella nos corre florída
Sôbre a onda socegada?

Comtanto que na passagem,
Em casto amor embebido,
Eu contemple a tua imagem,
E chegue em fim á paragem
Como um nauta adormecido?

Nos calices de saphira
Dorme a brisa descançada;
Da pomba o arrulho expira;
Murmurando se retira
A vaga da praia amada.

Deixemos, ó doce vida,
Em casto abraço estreitados,
Nós tambem esta guarida!
Eia, ao céo! a mim unida,
'Num suspiro transformados!

Oh! quebra-me esta corda amollecida!
Meu coração por ella não se afina,
Nem amor acha sons, que bem lhe quadrem;
Só póde, só quem ama, revelal-os.
Suspiros que do peito ardendo sobem,
Lagrimas de prazer, que os olhos toldam,

Um silencio, um olhar, um meigo accento,
Dizendo e repetindo sempre o mesmo,
Dizem mais que os teus sons, ó branda lyra:
Cabe o amor ao amor, o mais ao genio.
Se no meu coração vibrar pretendes,
Mais fortes sons arranca ás brandas cordas!

Lá ouço ao longe, como voz que trôa,
Ruidoso sôpro, que estremece os ares,
Qual d'aguia a ponta d'aza
Que no pesado vôo as aguas roça.
Oh! quem me dera um mar, um mar sem praias!
Quem me dera, de noite, á luz dos raios,
Ao sôpro d'aquilões, em náo sem mastro,
Rasgar do oceano as humidas campinas...
Té ao fundo descer, subir-lhe aos cumes,
Co'a vaga mergulhar no negro abysmo,
E de lá, em cachões arremessado,
Vir boiar, como a espuma, á flor das aguas!
'Neste embate de horror e de deleite,
De vida e morte, vezes mil suspensa,
Póde ser, que a minh'alma em seus terrores
D'um ignoto prazer se repassasse,
E, prestes a abysmar-se em noite infinda,
Mais um momento se agarrasse á vida,
Como um homem, caído d'alta rocha,
Tenta, co'as mãos em sangue, inda suster-se.
Mas sempre caminhar a mesma estrada;
Ver a vida a esvaír-se gotta a gotta;

Mas seguir passo a passo, arrebanhado,
Humanas gerações, inutil pêso,
Que nasce por nascer, e logo morre,
Que em cada primavera a terra expelle,
Qual no inverno o carvalho em nossas matas
Expelle ao vento as resequidas folhas:
Sem 'sp'rança e sem prazer seguir na vida,
Como um batel que dorme em aguas mortas;
Ver em esforços vãos gastar-se a alma,
Vêl-a nas mãos da sorte a enferrujar-se;
Pensar sem descobrir; não achar termo
Á ardente aspiração; brilhar debalde
Com facho que esmorece e não se apaga...
Eis a sorte commum... eis minha sorte!
Trilharam nossos paes a mesma senda;
Nossos filhos depois, da sorte ao pêso
Curvados, seguirão o mesmo trilho.
Todos definham, morrem, passam todos,
Mas, afóra os mortaes, o mais persiste!

Tu, que ha pouco minh'alma confortavas,
Anjo meu, porque assim de tom mudaste?
Parece um echo da torrente surda,
Que róla os prantos na mansão das dores!
Porque é esse gemer, como as rajadas
Do vendaval nos troncos resequidos?
Por que choras venturas já passadas?
Acaso, o que não é, já foi outr'hora?
E ha de o pezar vir sempre em nossas festas,

Sombra infausta, sentar-se ao nosso lado?
Ha de fazer-nos com olhar sinistro
Das aterradas mãos caír a taça?
Não: voltemos a face, e ao 'squecimento,
Ao segredo da vida, recorramos.
Um adeus ao passado, e em altos cantos,
Minh'alma arroja aos sublimados feitos!

Que sons guerreiros meu ouvido ferem?
É o clarim, o rincho do corcél:
A corda ensanguentada
Retine, como a espada
Na chapa do broquel.

Deu signal a trombeta, e soa — ás armas!
— Ás armas! — vão os echos repetindo;
Mais ligeiros que o vento, pelos campos,
Dispersos esquadrões acodem prestes.
Sôbre os cerrados flancos, 'num instante,
As legiões s'estendem, como as azas
Sombrias de um abutre; os insoffridos
Intrepidos frisões os freios trincam.
Dorme inda o raio; lugubre silencio
Sôbre essa multidão sinistro paira.
Só se ouvem passos de cem mil soldados,
Como os de um homem só, correndo á morte;
Dos carros o rodar; corseis rinchando;
Mil ordens retinindo pelos ares,
E o rugir das bandeiras desfraldadas,

Que nos campos rivaes, soltando ás pregas,
Ora parecem da victoria ao sôpro
Por si mesmas voar d'encontro á gloria,
Ora dos pavilhões, tombando ao longo,
Sôbre as hostes lançar um véo funereo.

Já dos campos na frente os bronzes troam;
Respondem, cruzam-se os trovões da guerra;
Nos inflammados tubos mal contido,
Como o sôpro da morte o raio estala,
E arroja a bala, que rareia as filas.
Bem como o lavrador, que vai e vólta,
E que sem descançar, rasgando o valle,
Abre ao lado de um rêgo um novo rêgo,
O projectil fatal assim percorre,
As filas uma a uma assim derruba.
Cái aqui um heroe em flor ceifado,
Que ostenta em seu olhar valor, orgulho;
No seu elmo, que a luz despede a espaços,
Ondeava d'um corcel a negra crina:
Foi-lhe o elmo brilhante alvo da morte;
Fulminado de um tiro que não sente,
N'arena tomba como um feixe d'armas;
E o seu corcel, que sente as redeas frouxas,
E que vê de um relance o dono em terra,
Volve atraz, o fareja, e morto o chora.
Cái além um guerreiro, que nas lides
Da guerra encaneceu; que outros amores
Não teve, afóra as armas, e a bandeira,

Constante norte seu, sua saudade...
Cega a morte, discorre em seus estragos:
Um morre todo inteiro; além, qual tronco
Que o machado desfez, dispersos membros
Outro no pó saltar vê em pedaços,
E pelo chão, tentando inda rojar-se,
Em borbotões de sangue um rasto deixa.
Exangue, e semimorto, inda escapar-se
Nos braços de um amigo outro procura:
Unidos seio a seio a morte os colhe,
Co'a dita ao menos de morrerem junctos.
Com livido clarão debalde os raios
Se cruzam sem cessar: bravos soldados,
Como as ondas, que rasga a proa ousada,
Apagam logo a esteira fumegante,
Sôbre os corpos dos mortos vem intrepidos
Em novas filas arrostar co'a morte!...

Mas já cançados d'esta morte ingloria,
Os dois campos rivaes, ardendo em raiva,
Vêm por fim a travar-se, misturando
De sangue os turbilhões no duro embate.
Ao pêso dos corceis abrem-se as filas,
Que abobada metallica resguarda;
Cruza-se o fogo ao fogo, o ferro ao ferro;
Flammejam embatendo-se as fileiras;
Em torrentes de fumo horrido trôa
Inflammado o salitre, e brilha, e corre
Da linha ao longo, a encobrir-lhe a sorte,

Ou fatal, ou de gloria, em densa nuvem.
Das gargantas assim de oppostas serras
'Num leito, que as aperta, despenhadas,
Duas torrentes vêm luctar raivosas;
Bate a onda na onda; arcando sobem
Enormes vagalhões com furia insana;
Toldam-se os ares co'a alvejante espuma,
E o ruidoso fragor acorda os echos;
Mas no leito, que as prende, sempre em luta
Suas ondas por fim unidas rolam.

. . . . . .

Já não ronca o trovão... Ouvis? Lá se erguem
Do campo funerario mil concertos:
A fanfarra, o clarim, harpas sonoras
Com suave harmonia os ares ferem;
Afastam-se depois, e ouvir permittem,
Sumidos quasi, os ais dos moribundos!...
Ao longe, o val' seguindo, inda resoam;
Mas gela o coração, as fibras tremem,
Quando lembra que no ar, que assim se agita,
'Stão dos mortos talvez passando as almas!
Eis que o sol de repente as nuvens rasga,
Dando ás scenas de horror clarão funereo;
Os seus raios no solo humedecido
Lagos de sangue á vista nos descobrem,
Corceis jazendo, e carros em pedaços,
No pó dispersos mutilados membros,
D'armas, corpos, destroços confundidos,
E os pendões a cobrir rimas de mortos!

. . . . . .

Correi agora, amigos, mães, esposas!
Vinde os filhos contar, e irmãos, e amantes!
Vinde ás ruinas disputar c'o abutre
Esse arrimo á velhice, esses amores!
Que prantos vão correr!! Quantos gemidos
Nas cidades luctuosas vão soltar-se,
Antes, tristes mortaes, que a terra possa
A custo renovar perdas de um dia!
Impassivel no entanto a natureza
Segue no gyro seu sem dó dos homens:
Ha de vir ámanhã a rubra aurora
Nos broqueis espelhar-se dos finados,
Ha de o rio lavar sanguentas margens,
Hão de os ventos varrer infectos ares,
E ha de a terra, adubada d'estes restos,
Com flores encobrir ossadas frias!

Silencio, anjo de fogo! que aterrada
Minh'alma geme aos sons das bronzeas cordas,
E segue em ancia os teus guerreiros passos,
Qual coche, que os corseis voando arrastam!
Fugindo a tanto horror, meus olhos tristes,
Chorosos buscam mais risonhas praias.
'Nessa lyra não tens um som que alente?
De ouvir não folgas do pastor á flauta?
Quando de um parreiral sentado á sombra,
Sósinho esquece as horas, despertando
O murmurio do rio, a voz dos echos

Com sons que nos encantam lastimosos?
Muitas vezes, á tarde na collina,
Para um só não perder, me ponho á 'scuta;
N'alma então, por momentos acalmada,
Sinto c'os sons passar fagueira brisa,
Mais suave que a sombra dos arbustos,
Ou que o fresco das aguas, que murmuram.

Um vento me afaga a lyra;
Será d'ave que a roçou?
Sua voz no peito expira,
E a pobre corda suspira
Como a canna que vergou!

Valles paternos! campos! choça humilde
Da encosta do outeiro pendurada,
Cujo tecto simelha o ninho occulto
Nos tufos da ramada:

Sombras! relvas! portão em cujo ádito,
Sentado como um rei no throno seu,
Vinha meu pae contar os seus rebanhos:
Abri! abri!... sou eu.

Eis o templo do Deus da pobre aldeia:
Já das torres ouvi grato soído;
Parece, que uma voz da infancia aos dias
Me chama em tom sentido!

Sim, meu berço d'infancia, a ti eu volto,
A abraçar-me aos teus lares protectores;
Ao mundo disse adeus... com vós me quero,
Nasci entre pastores!

Como elles, em pequeno, pelos campos
Seguia até á noite o anho errante;
Folgava de lavar-lhe na ribeira
O velo alvejante.

Nos ramos de um chorão me balouçava,
De tronco em tronco aos ares me subia,
E dos ninhos da rôla era o primeiro
Que os ovos recolhia.

Amava os sons que á tarde o ar espalha,
Dos carros o chiar c'o duro attrito,
O som da campainha suspendida
Ao collo do cabrito.

E depois, ao deixar-éden tão grato,
Como um vaso d'aromas impregnado,
D'ineffavel prazer, longe do mundo,
Tinha o peito inundado!

Sitios para mim sagrados, dae-me asylo!
E vós, qu'inda estes lares afagais,
Chorões, que eu vi crescer, curvae os ramos
Ao irmão que chorais.

Sou eu, reconhecei-me, hervas que pizo;
Vós, troncos, onde ás vezes me trepava;
Echo triste, onde ao longe, no silencio
Minha voz resoava.

Não venho aqui trazer, amenos campos,
Nem saudades, nem sonhos do futuro;
Eu venho adormecer-me em vossos berços,
Buscar descanço obscuro;

Com alma pura despertar co'a aurora,
Elevar a oração ao Deus do dia;
Ver as flores, que brotam, orvalhadas,
Ostentando alegria;

Perfumes aspirar, que a serra exhala,
Ou nos bosques gozar doce frescura;
Ao sôpro da manhã ver como ondeiam
As messes na planura;

A fonte conduzir tenra novilha,
Lançar á cabra o trevo perfumado;
Ou ver curvando a fronte os brancos toiros
Ao jugo costumado;

O arado conduzir, rasgando as leivas;
Na parede espalmar velha parreira;
Ou no seio do prado abrir os regos
Ás aguas da ribeira;

Do seu pão repartir c'o pobre afflicto,
Á noite, ao pé da porta, em paz sentado;
E descançar por fim, cerrando os olhos,
Sem remorso e sem cuidado;

Sentir, não os contando, em paz serena
Os dias deslizar sem arruído,
Como a areia que marca na ampulheta
Horas que têm fugido;

Ver da arvore pender os doces fructos;
Castos fructos d'amor ter a seu lado;
Dizer-lhe um terno adeus na hora extrema:
Mortal, que mais te é dado?

. . . . . .
. . . . . .

'Spira a voz, morre o canto. Adeus, ó anjo!
Á mansão te remonta de harmonia:
Deram-me os cantos teus tregoas ao pranto,...
Fallava-lhe... no céo já não me ouvia!!

O CRUCIFIXO

Ó tu, que eu recolhi sôbre os seus labios,
Com seu último alento e extremo adeus,
Symbolo sancto, dom de um moribundo,
Imagem do meu Deus!

Sôbre teus pés sagrados quantas lagrimas
Tem corrido, Senhor, desde esse instante,
Em que eu te recebi, ainda quente
Dos ais do agonizante.

Ardia nos brandões já debil chamma;
Um padre murmurava os sanctos hymnos,
'Nessa toada triste, que acalenta
O somno dos meninos.

Um reflexo de esp'rança inda brilhava
'Nesses traços augustos da beldade,
A dôr, fugindo, lh'imprimíra a graça,
A morte a majestade.

Viam-se as tranças ondear-lhe ao vento,
E ás vezes encobrir feições celestes,
Qual ondeia no marmor de um sepulchro
A sombra dos cyprestes.

Um do fúnebre leito já pendente,
Sôbre o peito curvado inda outro braço,
Parecia apertar a sancta Imagem
'Num mui estreito abraço.

Para beijal-a os labios se entre-abriam,
Mas 'nesse beijo o espirito fugíra,
Qual antes de os queimar, devora a chamma
Perfumes sôbre a pyra.

Somno da morte a bôcca lhe gelára,
Do peito o palpitar já não se ouvia,
E nos olhos sem luz, pesada e triste,
A palpebra caía.

E eu em pé, cheio de um terror secreto,
Não ousava tocar resto adorado,
Como se a morte na mudez sublime
O houvera consagrado!

Meu silencio intendeu o sacerdote,
Das frias mãos tirando o crucifixo:
«Eis, meu filho, a saudade e eis a esperança,
Oh! recebe-as submisso!»

Sim, serás sempre minha, herança funebre!
Sete vezes o arbusto, que eu plantei
Juncto á campa, a folhagem tem mudado,
E inda te não deixei!

Sôbre este coração myrrado e triste
Tu és perenne escudo contra o olvido;
Meus olhos o marfim c'o pranto amargo
Já tem amollecido.

Ó confidente d'alma que se aparta,
Vem, repete outra vez aos meus ouvidos,
O que lh'escutaste então, e ella te disse
'Nesses tons tão sumidos.

Quando ás vistas occulta em denso véu,
Toda em si a nossa alma concentrada,
Surda ao último adeus, se vê do corpo
Nos gelos exilada;

Quando entre a vida e a morte vacillante,
Como um fructo do ramo a despegar-se,
Treme de susto sôbre o negro abysmo,
Onde vai mergulhar-se;

Dos psalmos e dos ais, quando a noss'alma
Não ouve a melancholica harmonia,
Fiel amigo, aos labios moribundos
Collado na agonia;

Para allumiar-lhe o horror do passamento,
Para as vistas guiar-lhe para Deus,
Consolador divino, o que lhe dizes
Juncto aos ouvidos seus?

Senhor, tambem morreste; e tuas lagrimas,
'Nessa noite em que tu oraste em vão,
Do sagrado Olivete, até a aurora,
Caíram pelo chão!

Da cruz, d'onde sondaste o grão mysterio,
Viste o pranto correr da Virgem pura,
Em lucto a natureza, e tu legando
Teu corpo á sepultura!

Ao triste peccador, Jesus, permitte
Seu suspiro exhalar sôbre o teu seio;
De mim te lembra então, tu que da morte
Não tiveste receio!

Quero o sitio buscar, onde expirante
Sua bôcça soltou o extremo adeus;
Guiará d'alli seu 'spirito minh'alma
Aos pés do mesmo Deus!

Ah! venha, venha então um ente amigo,
Como um anjo de amor triste e maguado,
Em soluços colher-me sôbre os labios
O precioso legado!

Consolação e arrimo ao moribundo,
Amor puro e esperanças consagrando,
Vae, ó sancto penhor, dos qu'inda ficam
De mão em mão passando!

Té que dos mortos aluindo a abobada,
Sete vezes a tuba dê signal,
E acorde os que da cruz á sombra dormem
O somno sepulchral!

CANTO DE AMOR

S'imitar uma vez pudesses, lyra,
O fremito das auras, que esvoaçam
Trémulas entre os ramos,
Das ondas o murmurio tão suave,
Ou o arrulho de pombas gemedoras
Do mar brincando á beira;

Se, como a canna que meneiam zéphyros,
Tuas cordas vibrassem sonorosas
Os mysticos cantares,
Quaes em fragoas de amor divino accesos,
Sem palavras, no céo, se fallam anjos,
Como os olhos aos olhos;

Se de teus magos sons doce harmonia,
Alma ao sôpro d'amor desabrochada
Meigamente affagando,
A acalentasse com imagens vagas,
Como o vento do céo balouça as nuvens
Na purpura do dia:

Em quanto a minha amada sôbre flores
Em paz descança, eu baixo murmurára
Canticos e suspiros,
Tão puros, como os extasis que incita,
Suaves, como os sons que traz um sonho
Das margens ineffaveis!

«Abre os olhos — diria — ó vida minha!
Deixa, deixa-me ler 'nesses teus olhos
Meu fado e teu amor!
Um languido olhar teu inda é mais grato,
Que o primeiro fulgir do sol luzente
A quem das trevas sái!»

. . . . . .
. . . . . .

Um dos braços se acurva sob o collo,
Outro languido cái na face linda,
E meia quasi a esconde;
Tambem para dormir a nivea rôla
O collo inclina assim; co'a ponta d'aza
Tambem os olhos cerra!

O gemer do seu peito que respira,
Suspiroso se afina ao murmurinho
Da lympha harmoniosa;
E a sombra das pestanas lhe fluctua,
Pela brisa agitada, como a sombra
De um sonho passageiro!

. . . . . .
. . . . . .

Como é doce o teu somno, ó pomba, ó virgem!
Teus seios como batem compassados,
Longo suspiro arfando!
Em noite de luar não vêm tão brandas
Uma vaga após outra sôbre a praia
Murmurar e morrer!

Deixa-me, sôbre o nacar de teus labios,
Perfumes respirar... Ah! tu despertas?
Na palpebra mui timida
Vem de novo intranhar-se o azul dos céos;
Mas tu... cheios de luz teus olhos lindos
Logo aos do amante os volves!

A seguidora luz d'esses teus olhos
Co'a dos meus em seu brilho se confunda,
E ambas se compenetrem,
E co'a trémula chamma accendam n'alma
Essa luz toda interna, que se aviva
'Num olhar amoroso!

Té que uma lagrima te assome á palpebra,
E sumindo-te a luz co'a sombra errante,
Orvalhe esses teus olhos,
Bem como, ao despertar da rouxa aurora,
Lagrimas da manhã, que ella disparze,
A vêm cercar de nuvens.

*

. . . . . .
. . . . . .

Falla: sólta uma palavra
Ao teu amante extremoso;
A voz que te sái dos labios
É um echo melodioso!
Quando a tua voz sonora
Em meus ouvidos resôa,
É como um hymno no templo,
Um hymno que a Deus se entoa.

Um suspiro... uma palavra...
E depois silencio mudo,...
E phrases interrompidas...
A minh'alma entende tudo:
Em vão tua voz me foge,
A minh'alma a comprehende,
Como o salgueiro da margem,
O som das aguas entende.

Voz que nos labios te expira,
Uma queixa, um surriso,
Minh'alma tudo intérpreta,
Meu anjo do paraíso:
Qual tocando 'numa lyra,
Que não vibrada jazia,
Um sôpro, uma só brisa
Se desfaz em harmonia

. . . . . .
. . . . . .

¿Assim nas tranças porque a face escondes?
Deixa, oh! deixa arredar avaras nuvens.
¿Córas por ser tão linda, encanto d'alma?
Dão as rosas tambem rubor á aurora.
Pudor celeste, mysterioso instincto,
C'os véos do pêjo quanto brilho occultas!!
¿Será teu só destino, ó formosura,
Reverberar nos céos?

São teus olhos como a lympha,
Que o azul dos céos retrata,
Quando a ramada d'entôrno
As galas lhe não recata.
'Neste espelho reflectidos,
Teus pensamentos de amor
Successivos vão lançando
Raios de brilho e fulgor:
Assim a ligeira imagem
Se vê nas aguas correndo
De niveos cysnes canoros,
Quando os ares vão fendendo.

O rosto, que ora descobres,
Ora occultas com teu véo,
É uma noite sem nuvens
Ao raiar da luz no céo:

Tua bocca, onde um surriso
Se vê leve despontar,
É como a onda que os zephyros
Vêm da praia retirar;
Que brandamente assoprada
Deixa a areia descobrir,
E aos olhos, que alli se fitam,
Contar perolas de Ophir.

O teu collo, sôbre o hombro
Meigamente reclinado,
É um ramo de salgueiro
Por avesinha acurvado:
Os teus seios, onde as vistas
Timidas apenas vão
Descobrir em teus suspiros
O pulsar do coração,
São como um par de rolinhas,
Que, todas susto e temor,
Com as azas estremecem
Entre as mãos do caçador;

Tuas mãos são dois cestinhos,
Que deixam a luz passar;
Teus dedos rozas vermelhas,
Que em festões os vêm c'roar;
Tuas plantas delicadas,
Que a relva mimosa abraça,
Quando 'nella se deslizam,
Tem tal garbo e tanta graça,

Que afinado aos sons da lyra
Divino, mago instrumento,
Parece cadenciar-lhe
O ligeiro movimento.

. . . . . .
. . . . . .

Porque os olhos assim me cravas n'alma?
Baixa-os, senão eu morro, esses teus olhos
Em casta chamma accesos...
Ou antes, anjo meu, ergue-te, e deixa
Que eu te cinja c'os braços, e te encoste
'Neste berço de flores.

. . . . . .
. . . . . .

D'um lago todo azul, bem juncto á margem,
Uma verde collina sobranceira
Nas aguas vem rever-se;
É mimosa do sol em todo o dia,
E das ondas a brisa lhe meneia
A sombra de seus ramos.

Tortuosa vide co'a folhagem densa
Dois annosos carvalhos cinge em roda,
E vai c'roar-lhe as cimas;

Co'a pallida verdura mescla as folhas,
Pelos campos depois de luz e sombras
Desata-se em festões.

No reconcavo alli d'erguida rocha
Uma gruta se vê, onde em seus ninhos
D'amor as pombas gemem;
Um denso figueiral de rama a veste;
Alguns raios do sol, que lá penetram,
A luz a furto escoam.

A noite, e o fresco das discretas sombras,
Ás pallidas violetas por mais tempo
Timidas côres guardam;
D'abobada uma fonte se deriva,
Dissereis que distilla gotta a gotta
Lagrimas e suspiros.

Os olhos, através d'estas verduras,
Só descortinam céos, o azul dos mares,
E das aguas no seio
Vélas do pescador, que a barca escondem,
E o mar fendendo batem como as azas
De um passaro ligeiro.

Alli, qual longo beijo, só se escuta
Queixosa vaga a murmurar na praia;
Tambem o som dos zephyros,
Do meigo rouxinol os doces quebros,

Ou suspiros, que os echos de um rochedo
Nos mandam condoídos.

. . . . . .
. . . . . .

Vem, busquemos estas sombras,
Este sítio deleitoso,
Té que a flor o calix feche
Do dia no adeus saudoso;
Vem, amor, oh! vem comigo,
Minha estrella, eis o teu céo,
Estas trevas allumia,
Anjo de luz, ergue o véo.
E falla, e canta, e suspira,
Ou a scismar te reclina,
Mas os meus olhos attráiam
D'esses teus a luz divina.

Sôbre o musgo, em que te assentas,
Deixa as rosas desfolhar;
Juncto ao leito, em que repousas,
Deixa-me aos teus pés sentar.
Feliz a relva que pizas,
E os botões aveludados,
Cujas côres desenrolas
Entre os dedos nacarados;
Feliz a taça vermelha
Onde libas os frescores

Com teus labios, que parecem
A abelha amante das flores.

Se nas ondas d'alvos lirios
Rolam calices murchados,
Se a brisa me traz destroços
Por seus labios desfolhados;
Se a trança que se desata,
Em minha face ondulando,
Me esvoaça á flor dos labios,
E rapida vai passando;
Se um suspiro seu ligeiro
Juncto a mim vem resoar,
Sinto na face assustada
Da morte as azas roçar.

Lembra-te a hora em que foste,
Como sombra deleitosa,
Disparzida em meus caminhos
Dos anjos por mão piedosa?
Minha vida á tua vida
Desde essa hora abençoada,
Como um dia de prazeres,
Docemente encadeada,
É a taça sempre cheia,
Onde os labios com ardor
Apagam a sêde intensa
Da innocencia e do amor.

Ah! se a fronte adormecida
Em teu peito for pousar...
Se o teu coração pulsando
Meigamente a acalentar...

. . . . . .
. . . . . .

Um dia o tempo c'o gelado sôpro,
Qual murcha a flor nos campos de verdura,
Ha de murchar-te as côres:
Co'a desmaiada mão, nos doces labios
Ha de estes beijos teus, tão saborosos,
Seccar cheio d'inveja;

Quando então, assomando o pranto aos olhos,
Dos dias, que os encantos te roubaram,
Carpires os rigores;
Quando saudosa, juncto á beira d'agua,
A seductora image em vão buscares:
Meu coração contempla.

Por seculos sem fim 'nelle florescem,
Belleza, encantos teus, á sombra amiga
De uma constancia eterna:
Qual na alampada d'oiro a luz tremente,
Que a virgem do Senhor co'a mão resguarda
Atravessando o templo.

Ah! quando a morte, d'outro amor seguida,
Risonha, d'estes dois ardentes fachos
Vier soprar na chamma,
Meu jazigo se extenda a par do teu,
E nossas mãos fieis inda s'enlacem
Sôbre o leito da campa.

Ou passemos então sôbre a terra,
Qual no outomno se vê um par extreme
De cysnes amorosos
Beijando-se partir do charo ninho,
E voar dois a dois, unidos sempre,
Em busca d'outros climas.

O HYMNO DO MENINO

AO DESPERTAR

Ó Pae, que meu pae adora
Com os joelhos no chão;
A cujo nome s'inclina
Minha mãe com devoção!

Do teu poder tenho ouvido
Que é o sol uma centelha;
Dizem que oscilla a teus pés
Como a alampada vermelha.

Nos campos as avesinhas
Dizem fizeste nascer;
Que nos déste instincto e alma
P'ra te amar e conhecer.

Dizem que és tu que produzes
Dos jardins as lindas flores,
Que o vergel, sem ti, sería
Avaro dos seus primores.

Aos dons que esparges bondoso
Todo o universo é conviva;
Déste um logar ao insecto
Na tua meza festiva.

Trepa a cabra ao medronheiro,
Rói o cordeiro o serpão,
Na taça de leite a mosca
Vem comigo ter quinhão.

O grão que das eiras salta
Aproveita a cotovia,
Segue o pardal o ceifeiro,
O menino a mãe que o cria.

E para obter estes mimos,
Que fazes desabrochar,
Basta só, a qualquer hora
Teu nome, ó Deus, invocar!

Teu nome, d'anjos temido,
Que esta bocca balbucia,
Tu distingues entre os córos
Da celeste melodia.

Dizem que os rogos da infancia
Tu folgas mais de acolher,
Por causa d'esta innocencia
Que nós temos sem saber:

Que nossas preces singellas
Vão melhor aos teus ouvidos,
Talvez porque os céos têm anjos,
Com quem somos parecidos!

Oh! já que ouves de tão longe
Preces que os labios agitam,
Quero pedir-te incessante
O que os outros necessitam:

Dá, ó meu Deus, agua ás fontes,
Dá pennas aos passarinhos,
Dá orvalho e sombra aos campos,
Dá a lã aos cordeirinhos;

Aos doentes dá saude,
Aos pobresinhos o pão,
Aos presos a liberdade,
Aos orphãos a habitação;

Ao pae, que teme o Senhor,
Dá familia numerosa;
Faz-me feliz, dá-me siso;
Torna minha mãe ditosa;

Faz-me bom desde menino,
Como o anjinho do templo,
Que de manhã, juncto ao leito,
Sempre a surrir-me contemplo;

Põe na minha alma a justiça,
Nos meus labios a verdade;
Em meu peito a tua lei
Ache amor, fidelidade;

Minha voz a ti se eleve,
Como o incenso perfumado,
Que em ondas sái do thuribulo
Por meninos embalado.

PENSAMENTOS SOBRE OS MORTOS

Já as folhas desmaiadas
Vão caíndo pelo chão,
Já murmura pelo valle,
Já sibila o aquilão:
A andorinha vagabunda
Já com as pennas azuês
Vai roçando as aguas mortas,
Encharcadas nos paues:
E o pobre filho da aldeia
Vai para a choça arrastando
Os ramos seccos caídos,
Que andou nos matos junctando.

A fonte já não murmura
No bosque desencantado,
Nem se ouve nos troncos seccos
D'avesinha um só trinado:
Bem depressa segue á aurora
A tarde negra e sombria,
O sol, mal surge, s'esconde,
E rapido passa o dia:

O dia passa, e com elle
Apenas de claridade
Uma hora pallida e triste,
Quasi irmã da escuridade.

Já a aurora não traz brisas
Nas suas nuvens doiradas,
Da tarde a purpura expira
Sôbre as ondas descoradas:
Como um arido deserto
Se desliza agora o mar,
Nem barquinha aventureira
Se vê 'nelle bordejar:
Na praia mais surda ainda
Só vaga tempestuosa
Mudo silencio interrompe
Com a rouca voz queixosa.

Pela collina sem relva
Vão as ovelhas balando,
E o cordeirinho os seus vélos
Vai entre as sarças largando:
Já não se ouve entre os choupos
A flauta de algum pastor
Entoar canções alegres,
Ou terna endeixa de amor;
Vê-se a herva pelos campos
Já crestada e resequida:
Assim um anno passou,
Assim passa a nossa vida!

'Nesta quadra tudo cede
Á furia dos vendavaes;
Um vento, que sái das tumbas,
Prostra tambem os mortaes:
Alastra-se o chão de mortos,
Lá vão á campa aos milhares,
Como d'aguia as pennas velhas,
Que ella espalha pelos ares,
Quando outras pennas mais nóvas
Vêm-lhe as azas aquecer,
E contra os frios do inverno
Seu vigor fortalecer.

Oh! foi então que eu vos vi
Já murchados perecer,
Ternos fructos, que a Deus prouve
Não deixar madurecer.
Inda que joven no mundo,
Eu já me vejo exilado!
Quantos, quantos do meu tempo
Já tem a morte ceifado?
E quando eu digo: —«que é d'elles
Os que amou teu coração?»—
Dirijo os olhos chorosos
Dos mortos á habitação!

Sei onde está sua campa,
Lá vou nutrir minha dor,
Mas sua essencia divina,
*

E onde estão elles, Senhor?
A pomba póde amestrada
Voar do Indo ás paragens,
E de lá a nossos climas
Trazer alegres mensagens:
O navio vai e volta,
Entra a barra desejada,
Só não tornam suas almas
D'aquella estreita morada!

Ah! quando os ventos do outomno
Sopram nos troncos lascados,
A relva ruge, e susurram
Os pinheiraes baloiçados:
Quando a sinèta das campas
Sólta funereo soído,
De noite, através dos bosques,
Qual prolongado gemido:
Se uma brisa se alevanta,
Ou se o mar brame feroz,
Quasi illudido eu pergunto:
«Será esta a sua voz?»

Porém se, frouxa aos sentidos,
Não chega essa voz tão pura,
Sua alma accentos mais intimos
Em segredo nos murmura:
No fundo dos corações,
Quando em somno mergulhados,

Suas memorias mais vivas
Surgem de todos os lados,
Como as folhas resequidas,
Que de novo conduziram
Os ventos da tempestade
Ao tronco d'onde caíram.

A mãe, aos filhos dispersos
Depois que a morte a roubou,
Em sonhos extende os braços
Onde outr'hora os imballou:
Tem na boca ardentes beijos,
E no seio palpitando
Um coração extremoso,
Qu'inda a si os 'stá chamando:
Cobre o surriso das faces
De lagrimas triste véo,
E parece perguntar-lhes:
¿Quem vos ama como eu?

A noiva, ainda cingida
Com o cinto virginal,
Que a morte colheu botão
Do templo quasi ao portal;
Conservando inda no céo
Um ar triste e maguado,
Vem dé lá tambem em sonho
Contemplar o seu amado:
E diz-lhe: —já verde relva

A minha campa occultou:
'Nesse deserto que esperas?
'Nessa terra, onde eu não 'stou?—

Da infancia o terno amigo,
Que em dias de provação
Nos cedeu a Providencia
Para esteio ao coração;
Não existe, mas nossa'alma,
Viuva na soledade,
Inda o sente, inda o escuta
Dizer-nos com piedade:
—Já não tens, ó pobre amigo,
A quem as ditas contar,
Já não tens no infortunio
Quem te possa consolar!—

É um pae, qu'inda nos chama
Na hora do passamento,
Terno irmão, irmã querida,
Que se adiantam um momento:
Em nosso ditoso albergue,
Que echoa com gemidos,
Hontem inda os contemplámos
Juncto a nós adormecidos;
E o coração assombrado
Ah! não póde acreditar,
Que a carne da nossa carne
Possam vermes devorar.

Menino, aos peitos maternos
Por mão da morte arrancado,
Para o gêlo do sepulchro
Do seu berço arremessado:
Todos, todos, cuja vida
Mais curta se vai finando,
E o coração em ruinas
Pouco a pouco vão deixando,
Debaixo do pó murmuram:
«Ó vós, que da luz gozais,
Oh! dizei-nos, 'nesse mundo
Inda de nós vos lembrais?» —

Oh! não nos esqueceis, saudosos manes,
Sem vós só nos apraz contínuo pranto:
Pedaços da nossa alma, acaso haviamos
Do olvido sôbre nós lançar o manto?

Do passado o horizonte mais formoso
Da vida se apresenta ao fim da estrada,
Nossa alma então em duas se reparte,
E a melhor sôbre a campa está fixada!

Deus de perdão! seu Deus! Deus de seus paes!
Tu, que elles tantas vezes invocaram,
Por elles estas lagrimas acceita,
Estas preces d'irmãos, que tanto amaram!

A ti, Senhor, oravam; resignados

Surriram, quando tu os castigaste,
E o braço, que os punia, bemdisseram:
Deus, todo esp'rança, acaso os enganaste?

E agora, 'num silencio tão profundo,
Já de nós se não lembram, ó Senhor?
Ou já não amam? Oh! perdão á dúvida;
Por que tu, ó meu Deus, és todo amor.

Se viessem contar-nos suas ditas,
Se ao amigo fallassem, que os pranteia,
Não sería frustrar os teus designios
Antecipar um élo da cadeia?

Onde vivem, meu Deus? Que astro benigno
Lhes derrama um fulgor suave e brando?
'Nessas ilhas de luz acaso habitam,
Ou entre nós e o céo andam pairando?

'Numa chamma celeste mergulhados,
Os nomes cá do mundo têm 'squecido?
Esse nome d'irmão, de pae, d'esposo
Já não será por elles entendido?

Não, meu Deus: se as memorias d'este mundo
Se perdessem dos céos lá na mansão,
Sería esta saudade tão profunda,
Todo este pranto correria em vão?

Abysmem-se em teu seio as suas almas;
Mas saudosos de nós alli se vejam;
Comnosco quinhoaram nossas ditas;
Podemos ser felizes, sem que o sejam?

Sôbre elles tua mão clemente estende:
Pecaram; ¿mas o céo é galardão?
Soffreram, ó Senhor; nova innocencia!
Amaram; eis o sêllo do perdão!

Elles foram o que somos,
Cinza e pó lançado ao vento,
Como homens frageis e fracos,
Sumindo-se 'num momento!

Se os seus pés escorregaram
Sôbre os caminhos da vida,
Se na lei alguma letra
Foi por elles transgredida;

Ó Pae, ó Juiz supremo,
Não olhes á creatura,
Olha a ti, e só te lembre
Que ella foi tua feitura.

S'escrutar o pó vieres,
Á tua voz fugirá!
Se acaso a luz tu palpares,
Os teus dedos manchará!

Do céo, do mundo as columnas,
Pelos teus olhos sondadas,
Serão de susto e temor
Nos pilares abaladas:

Se disseres á innocencia
Que se eleve ao throno teu,
Se a tua mão lhe retiras
Quem lhe valerá no céo?

Mas tu, Senhor, tu possues
A propria immortalidade,
Todo o bem que tu disparzes
Te augmenta a felicidade!

Tu dizes ao sol que surja,
E eis os dias borbulhando!
Mandas ao tempo que gere,
E as edades vão brotando!

E a docil eternidade,
Sempre, sempre sem cessar,
Lança os sec'los aos milhares,
E os espalha sem contar.

Os mundos, que tu reparas,
Vão de novo remoçando,
E o passado do futuro
Só tu não vais extremando.

Tu vives, e vives sempre;
Deseguaes na creação,
São sempre eguaes as edades
Debaixo da tua mão;

A tua voz não conhece,
Como a nossa, fraca e vã,
Dos homens as tres palavras:
Hontem, hoje, e ámanhã.

Pae, Senhor da natureza,
Do bem ó fonte sagrada,
Nada se mede por ti,
Não te meças pelo nada;

Tu, que és todo um Deus clemente,
Não nos queiras humilhar,
Põe teu pêso na balança,
Se o nada queres pesar:

E então, ó Sancto dos Sanctos,
A ti mesmo contemplando,
Triumpha, ó Summa Bondade,
Sim, triumpha perdoando!

A TRISTEZA

A alma triste é similhante
Ao céo em noite calada,
Quando a lua se desliza
Solitaria e socegada.

Quando os estrondos do dia
Parecem adormecidos,
Quando póde o desditoso
Soltar em paz seus gemidos.

Mil estrellas então luzem
Á mente pura e sonora,
Mil estrellas que offuscava
O intenso brilho da aurora.

Ó tristeza, que m'inundas,
Corre pois dos olhos meus,
Como as chuvas, em que a terra,
Vê um presente dos céos!

Corre em lagrimas desfeita
De saudade e de ternura,
Ah! corre, orvalha-me o peito,
Que em ti encontro doçura.

E não lamentes essa hora
Que te chama para os céos,
Nasça, ou morra, é força ao homem
Chorar o exilio, ou o adeus.

Tristeza, ergue-me ao céo
Nas azas da oração,
Faisca do fogo d'alma
Que me abraza o coração.

A AMIZADE DA MULHER

Amizade, encanto d'alma,
E mimo do coração,
Da mulher nos olhos meigos
Porque tens mais expressão?

E mais és a mesma sempre,
No coração que teu for,
Não é a mulher que se ama,
E o seu nome perde o amor.

Mas, como do espelho pulido
Melhor se reflecte a luz,
Assim n'uns olhos formosos
Mais effeito se produz:

E a voz suave, argentina,
Mais ternos accentos tem;
Da noss'alma os castos gozos
Vão aos sentidos tambem.

O braço nervoso d'homem
Seguro apoio será,
Mas a mulher com afagos
Mais forte apoio nos dá.

Meiga, ou severa, a amizade
Sempre foi o encanto meu,
Diz-me a mão, que a minha aperta:
«Este coração é teu.»

Minha mão acceita sempre
Este emblema da fé pura;
Mas se a mão é mais mimosa,
Aperto-a com mais ternura.

NOTA SOBRE A POESIA—O ALCYÃO NO CABO...—

Na linda collecção de poesias, que Mll.e Flaugergues publicou com o titulo *Au bord du Tage* (Paris 1841), vem esta traducção portugueza da sua bellissima canção—L'Alcyon au cap... —attribuida, por engano certamente, ao Sr. Garret. Em mui pequena conta temos nós esta pobre traducção; outra mais aprimorada, como de mestre que era, publicou depois o nosso grande e chorado Poeta nas suas —Flores sem fructo—; porém a cada um o que é seu; e por isso seja-nos permittido entrar na explicação do engano, dando razão do nosso dito.

No n.o 41 do *Portuguez Constitucional*, periodico bem conhecido, que se publicava em Lisboa em 1836, 'num artigo de litteratura, que se conhece ser do Sr. Garret, veio copiada a canção do Alcyão, extrahida da *Abeille*, e por essa occasião dizia o nosso Poeta: =Assim nos sobrasse tempo— tiveramos ânimo para traduzir coisa tão bonita em portuguez. Não faltarão ta-

lentos mais habeis e mais descançados; e, *si vacat*, lhes pedimos que o façam, e nos honrem com a remessa de traducção ou imitação d'esta linda peça, que inseriremos logo.=

Cedendo precipitadamente ao convite, o author d'esta collecção deitou-se a improvisar uma traducção, a qual remetteu a um dos editores do *Portuguez*, a quem o sangue o ligava mui estreitamente, recommendando-lhe, que sujeitando-a á approvação e correcções do Sr. Garret, a publicassem anonyma, se n'ella encontrassem algum merecimento.

Com effeito no n.º 58 do mesmo *Portuguez*, 7 de Setembro de 1836, appareceu a traducção; e eis aqui o que sôbre ella escreveu o Sr. Garret n'um artigo seu —Litteratura e sciencias:—

«*Alcyon no Cabo* *** Traducção da meditação poetica, ou canção de Mll.ª Pauline Flaugergues, publicada no *Portuguez* n.º 41, extracto da *Abeille*, por um anonymo.

«Appressamo-nos a publicar esta versão, que nos parece em muitas partes feliz; e com a liberdade a que o anonymo do poeta nos auctorisa, notaremos algumas partes que julgâmos podêrem melhorar-se.

«Se o alumno das musas se não offender d'este atrevimento, e adoptar algumas das nossas indicações (que não são censuras) folgaremos que nol-o escreva, e mais que tudo que continue a dar-nos tão boa copia de si, e a fazer-nos mimos d'este preço, que melhorem o depravado e exagerado gosto de nossa actual poesia.»

(Segue-se a traducção tal qual se encontra no livrinho *Au bord du Tage*, salvos os muitos êrros e incorrecções typographicas.)

Verso 4.º—Parecia melhor—*Canta suave Alcyon*, etc.

Verso 6.º e seguintes—Não ficaria mais fiel e intelligivel

Pouco mais penarei, que a paz da campa
Ahi vem logo. Oh! nem por mim te peze;
Esta minha tormenta dura ha muito;
Antes dormir no porto, que de susto
Tiritar sôbre o escôlho (?)

15.º — O mesmo que o verso 4.º

17.º — *Tão feliz!* com o ponto de admiração sería mais claro.

19.º e seg. — *Longe, tão longe é o lar*, etc.
Longe tão longe, etc.

27.º *Ahi o gêlo do sepulchro mora.*

28.º e seg. — *Viver, morrer, sem revelar minha alma,*
Que do ardido pensar soprar na chamma!

45.º e seg. — *Respiro a custo, um pezo que m'o esmaga*
Opprime o coração. Oh! sim, piedade
Que eu morro, e vai cobrir-me a fronte gelida
D'alvo sudario a areia movediça.

53.º e seg. — *Como o som do alaúde me responde*
Sob os dedos que o vibram.

55.º e seg. — *Vem, responde outra vez a meus lamentos*
Cantor sonoro, que esta dor me afagas.

«Concluiremos dando os parabens a Mll.ª Pauline de ter encontrado tão digno interprete na lingoa de Camões. Não achou

Um echo só que a voz lhe repetisse;

mas muitos echos, porque as boas musas em Portugal, se já têm poucos sacerdotes, ainda contam muito devoto.

«Nem com *uma flor murcha*, nem de *um tronco desfolhado;* mas de muito viçoso loiro, e mui frescas flores de nossos rosaes coroaremos a poetiza e o seu interprete. — Assim continuem ambos a nos cantar tão lindas canções.»

Para concluir tambem esta nota diremos, em resumo, que deixámos provado que a traducção que vem na collecção *Au bord du Tage* não é, como alli se diz, do Sr. Garret. As correcções offerecidas no *Portuguez* por este nosso distinctissimo Poeta deram logar ao engano. Essas correcções foram acceitas com agradecimento; e com ellas foi publicada de novo na *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*, que em 1840 sahia em Coimbra, a presente traducção, que sái agora por esta fórma novamente impressa e retocada.

FIM.

O-34
B.2247

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR

Mundo Allegorico, ou o Plano da Religião Christã, representado no Plano do Universo, obra posthuma de Jeronymo Soares Barbosa, dedicada ao Clero da Nação Portugueza, e publicada sob a protecção do Em.^mo Cardeal Patriarcha e dos Ex.^mos Arcebispos e Bispos. — 5 volumes, 2$400 réis.

Analyse dos Lusiadas de Luiz de Camões, dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro Quinto — 400 réis.

Excellencias da Eloquencia Popular, compostas na lingua Italiana por Luiz Antonio Muratori, traduzidas na Portugueza por Jeronymo Soares Barbosa — 200 réis.

O Godfredo ou Jerusalem Libertada, poema heroico, por Torquato Tasso, Principe dos Poetas italianos, traduzido na lingua portugueza por André Rodrigues de Mattos: edição feita pela de 1682; agora precedida d'uma noticia e d'um estudo historico sôbre a vida e escriptos de Torquato Tasso, e dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando — 1$200 réis.

Recreações Poeticas por Francisco de Castro Freire: 1.ª parte — Poesias originaes e versões várias; — 2.ª parte — Versões de Poesias de Mr. de Lamartine — 400 réis.

Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida, obra posthuma e até hoje inedita — 120 réis.

Instrucção sobre a Musica e Estudo de Piano, pelo Sr. Gaspar Ribeiro de Sottomaior — 300 réis.

A Prostituição entre os Romanos, pelo Sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão — 120 réis.

Brevissimo Opusculo da Doutrina da Religião Christã, comprehendendo uma pequena parte da primeira epocha da Historia Sagrada do Velho Testamento — 80 réis.

CORRESPONDENTES

Lisboa — Livraria Universal, Praça de D. Pedro; Livraria Central, rua do Ouro; e dos Srs. Miguel Cobellos, Pereira, e Verol, na rua Augusta; Zefirino, rua dos Capellistas; — *Porto* — Livrarias dos Srs. Jacintho da Silva, rua das Hortas; e Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros; — *Coimbra* — Livraria da Imprensa da Universidade; e dos Srs. Orcel, Posselius, e Mesquita; — *Braga* — Agencia Commercial, rua de S. Lazaro, e o Sr. Germano Joaquim Barreto; — *Vizeu* — O Sr. Francisco Gomes Pinto, ao Areo; — *Lamego* — O Sr. José Cardoso; — *Aveiro* — Typographia do Campeão das Provincias; — *Leiria* — Typographia Leiriense, e o Sr. Curado; — *Evora* — O Sr. Vicente Joaquim da Gama, Collegio de S. Paulo; — *Faro* — O Sr. Feliciano José Alves Braga; — *Bragança* — O Sr. Claudino Augusto Cezar Garcia; — *Pezo da Regoa* — O Sr. Manuel Mendes Osorio; — *Hespanha* — Livraria da Universidade Central, Madrid, calle del Principe; — *Ilhas adjacentes e Possessões Ultramarinas* — Nas diversas Agencias Commerciaes; — *Brazil* — Nas principaes Livrarias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Maranhão, e Pará.

YC153298

YC153298

YC153298

ENCADERNAÇÃO
da
LIVRARIA CASTRO E SILVA
LISBOA - PORTUGAL